

Chanceler recebe homenagem da UFPe.

Ao receber a Medalha do Reitor (classe ouro), o ministro Azeredo da Silveira, das Relações Exteriores, declarou, perante o Conselho Universitário da UFPe, que as instituições de ensino superior têm, entre outros pontos, a responsabilidade de preparar os homens do amanhã.

Confessou que já tinha recebido convites de outras Universidades, mas preferiu atender ao formulado pela UFPe. O chanceler foi saudado pelo Reitor Marcionilo Lins, que presidiu às cerimônias.

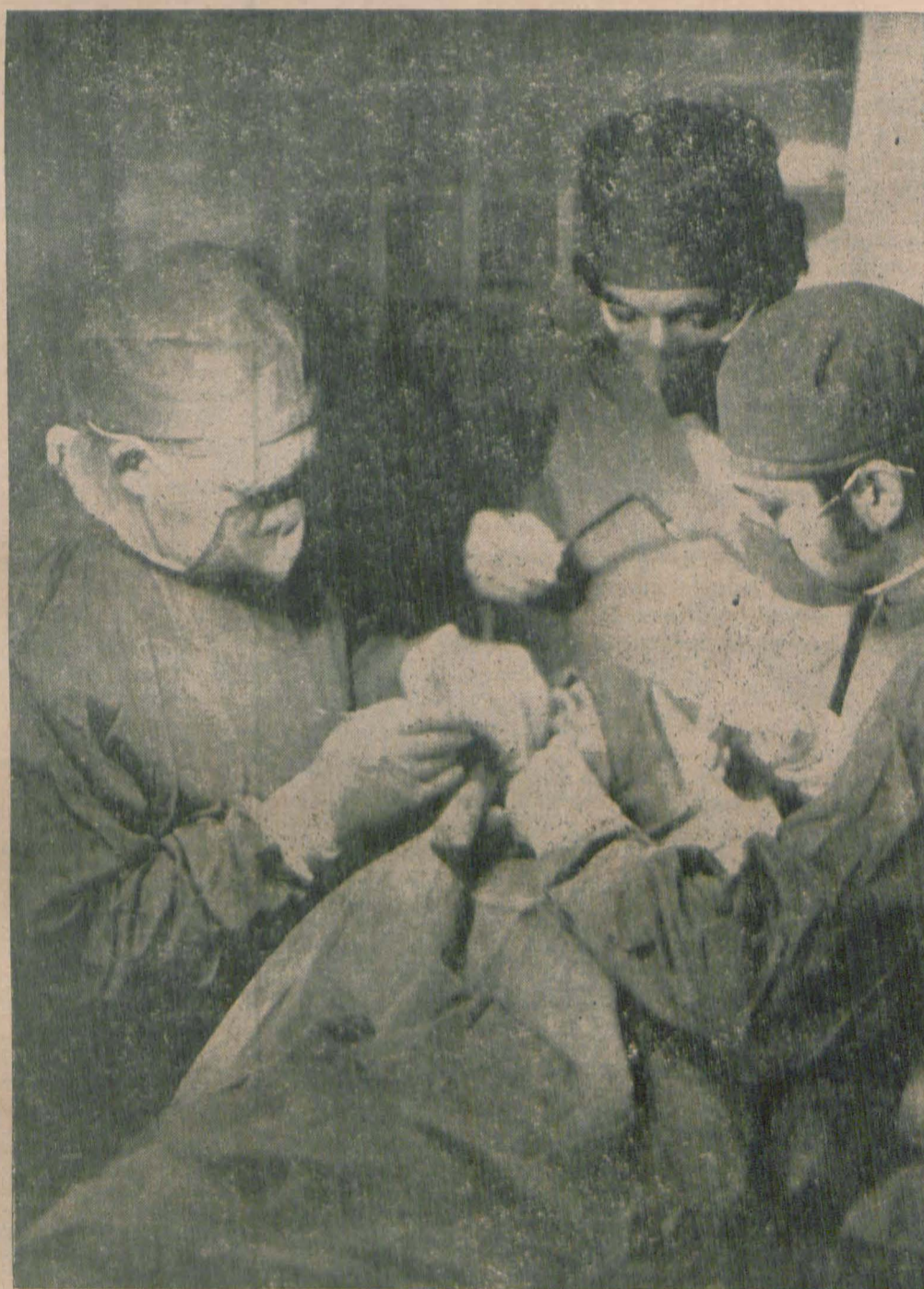
PRONUNCIAMENTO

A noite do mesmo dia (4 de março último) o ministro Azeredo da Silveira proferiu a aula inaugural da Faculdade de Direito da

UFPE, ocasião em que fez o primeiro pronunciamento oficial sobre a política externa do Brasil, após assumir a Pasta das Relações Exteriores. O chanceler expôs detalhadamente as diretrizes do programa atribuído ao seu Ministério, salientando, em um dos tópicos que "o Brasil não tem a vocação do Isolamento: através da nossa história, temos sido um povo aberto ao convívio franco com outras nações, sem estereis desconfianças com relação a elas e sem qualquer ambição de predomínio".

Coube ao professor Marcus Vinicius Vileça saudar o ministro, em nome da Congregação da Faculdade de Direito. A sessão foi realizada no salão nobre daquela Unidade, com a presença de professores, alunos e autoridades especialmente convidadas. (pág. 3)

Professor José Barbosa aplica anestesia geral em odontologia



O professor José Barbosa de Oliveira, da UFPE, é um dos poucos especialistas que utilizam o processo de anestesia geral em cirurgias odontológicas, no Recife. Recentemente, ele fez uma intervenção na qual empregou esse recurso, com pleno êxito, a exemplo dos maiores centros odontológicos do mundo. A anestesia geral foi um dos temas debatidos em congresso internacional, ultimamente, reunindo as maiores autoridades mundiais no assunto, figurando entre elas o prof. José Barbosa. (pág. 4)

Palestra de Rui Marques abre atividades letivas

O professor Rui João Marques fez uma exposição sobre a vida universitária, suas dificuldades e importância no contexto do desenvolvimento do país, enfatizando a preparação do material humano, como a sua mola propulsora. Ele foi o orador das cerimônias oficiais de abertura das atividades letivas da UFPE, no presente ano, no auditório da Faculdade de Medicina, com a presença do Reitor, Vice, Pró-Reitores, professoras e estudantes.

O Reitor Marcionilo Lins fez também ampla explanação sobre as atividades da Universidade, as providências adotadas e os planos elaborados com vistas à ampliação e construção no Campus, principalmente a do Hospital das Clínicas. Se algum plano não foi executado até agora, elaborado pela equipe da administração atual da UFPE, deve-se exclusivamente ao fator verba, conforme esclareceu.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.P.E.

N.º 6 RECIFE — FEVEREIRO — 1975 ANO VII

Cultura tem defesa contra importações

O pintor pernambucano Aloisio Magalhães está coordenando um movimento de âmbito nacional, com o apoio de vários Ministérios, inclusive Educação e Cultura, para a criação de um Centro Nacional de Referência Cultural, que atuará no sentido de salvaguardar os nossos valores culturais, evitando a importação de rótulos e outros dísticos, notadamente no setor da indústria e do comércio. Aloisio Magalhães é conhecido internacionalmente pelos trabalhos artísticos, destacando-se como o autor do desenho aprovado pela Casa da Moeda Brasileira, para as nossas cédulas. Ele esteve em contatos este mês com o Reitor Marcionilo e o Pró-Reitor Armando Samico, solicitando o apoio da Universidade para a referida campanha. (pag. 5)

Ulhoa Cintra planejou em 1943 o Recife do futuro

Se Recife é uma cidade com sérios problemas de trânsito, sem vias de acesso, ruas estreitas, etc., não é pela falta de estudos especializados, pois desde 1943 que a Prefeitura conta com um audacioso projeto de expansão, elaborado pelo engenheiro Ulhoa Cintra, sugerindo a implantação de um sistema mestre de viação, que tem como base um perímetro de irradiação, semelhante aos adotados pelas principais cidades européias. (pags. 8 e 9)

O Campus, sua história e construções dos Centros

A Prefeitura da Cidade Universitária já tem prontos os projetos de construção e recuperação de várias obras no Campus, que deverão ser executadas no decorrer deste ano. Entre outras, a sua própria sede; reformas do Serviço de Anatomia e da Clínica de Doenças Infecciosas do Hospital das Clínicas; construção de estacionamentos para as Unidades de Química, Institutos Básicos, Núcleo de Educação Física, Restaurante e Casa do Estudante; postos de serviços, reservatórios de compensação e uma nova rede hidráulica.

O prefeito Carlos de Brito explicou que, dependendo das disponibilidades, deverão ser executadas também várias obras sugeridas no projeto paisagístico e arquitetônico de Burtle Marx, nos próximos dias, notadamente em relação ao riacho Cavouco, que passa pelo Campus. (mat. na pag. 15)

O coração, transplantes, rejeição e os mistérios

Apesar das pesquisas e estudos desenvolvidos nos maiores centros de cardiologia do mundo, não se conseguiu, ainda, êxito completo nas cirurgias de transplante de coração. Começa a se formar, então, a corrente dos que admitem ser o coração humano um depositário de mistérios, ratificando a opinião do grande pensador francês, Pascal, de que "O coração tem razões que a própria razão desconhece". (pag. 2)



Rejeição: problema médico ou filosófico?

São Tomás de Aquino sentenciou: o que determina a individualidade é certa quantidade de matéria. Isto quer dizer que forma e matéria, ou corpo e espírito, sendo elementos indissociáveis no indivíduo, que é substância composta, nada se poderá acrescentar à sua individualidade, quantificada como qualitativamente composta sob uma dada medida.

Se o homem, tanto corporal como espiritualmente, representa uma unidade, segue-se que essa unidade marca uma diferença no espaço e no tempo, em relação às unidades da mesma espécie. Um exemplo do postulado de São Tomás pode ser encontrado no problema da rejeição, amplamente discutido e difundido atualmente em todo o mundo, em consequência das tentativas da medicina de retirar o coração doente e colocar

semelhante órgão de outra pessoa no peito do paciente, numa troca até então infeliz.

Durante as duas conferências que pronunciou este mês no Recife, a convite do Diretório Central dos Estudantes da UFPE e da Sociedade de Medicina de Pernambuco, o professor Jesus Zerbini ratificou: a rejeição continua como um problema ainda insuperável para a medicina. Seria então a manifestação da recusa imposta pela própria individualidade humana a uma substância que lhe é alheia?

O problema da rejeição é, portanto, um problema que radica, ao mesmo tempo, na unidade e na diferença representada por cada indivíduo, que, sendo único, rejeita qualquer substância que lhe seja alheia,

quer sob o ponto de vista da quantidade — sua matéria, quer sob a qualidade, sua essência — forma ou espírito. As operações de transplante, tanto do coração como de outros órgãos, não têm oferecido aos pacientes a materialização do desejo de sobreviver maior espaço de tempo.

O apelo do prof. Jesus Zerbini ao "marca-passo", como a mais segura contribuição médica para corrigir o ritmo cardíaco, parece constituir um reconhecimento do fenômeno da individualidade: a intervenção, que por sinal vem sendo praticada em larga escala no Brasil, e com pleno êxito, consiste na extração de um pedaço da veia safena, localizada na perna do próprio paciente, para substituir a coronária obstruída.

Cientista realiza mesa redonda na UFPE, para o debate da Ciência Médica

Reputado como uma das maiores autoridades contemporâneas no campo da Medicina, o cientista Eric Kennedy Conickshank coordenou uma mesa redonda sobre o ensino médico, no Hospital das Clínicas (Pedro II), com a participação de várias autoridades médicas de Pernambuco. O prof. Eric Kennedy, que é diretor da Faculdade de Medicina de Glaskow, na Inglaterra, veio ao Recife a convite da Universidade Federal de Pernambuco, sob o patrocínio do Conselho Britânico.

O prof. explicou em sua conferência como funciona na Inglaterra o programa de Pós-Graduação na área médica, dando especial ênfase àquilo que se chama "medicina da comunidade", considerada atualmente uma das mais importantes especializações.

Respondendo a numerosas perguntas formuladas pelo auditório, esclareceu como são feitos o doutorado e o mestrado no Reino Unido e como está se desenvolvendo ali uma Medicina Socializada.

MANUTENÇÃO

Segundo o prof. Kennedy, o ensino médico na Inglaterra é todo mantido pelo Governo, através do Ministério de Educação, enquanto a especialização é mantida pelo Ministério da Saúde. Oitenta por cento dos médicos na Inglaterra são funcionários do Governo. A Pós-Graduação é dirigida por conselhos de que participam as representações de vários Ministérios, como o da Saúde, Educação, etc, além da própria comunidade.

Todos os candidatos aprovados podem seguir o curso Médico, e participar de uma especialização. A especialização mais elevada é limitada e proporcional às necessidades do País. Exemplo do adiantamento médico britânico está patente no fato daquele país possuir 25 Faculdades de Medicina, sendo 12 em Londres e 13 no interior.

Muitos professores questionaram o conferencista, destacando-se entre eles os doutores Salomão Kelner, e Mirian Kelner, Ayrton Ponce de Souza, José Correia Lima e Rui João Marques.



O cientista Eric Kennedy realizou mesa redonda no Hospital das Clínicas

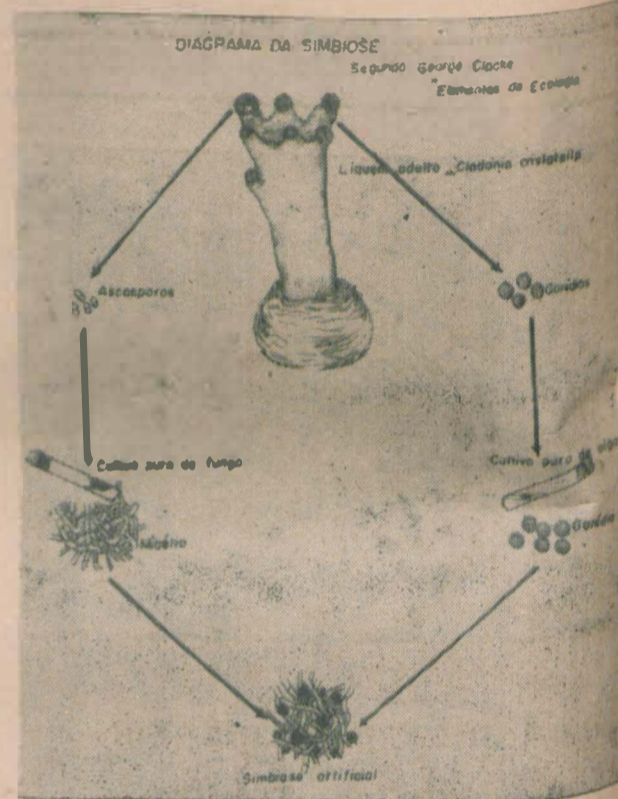
Professores estudam 15 anos e fazem Manual de Liquenologia

A bibliografia brasileira, no campo das ciências biológicas, terá o primeiro Manual de Liquenologia, possivelmente ainda este ano. É que os professores Lauro Xavier Filho, da Universidade Federal de Pernambuco, e Carlos Toledo Rizzini, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, depois de 15 longos anos de estudos e pesquisas sobre liquenologia, acabam de elaborar a primeira obra especializada no assunto, porquanto são os únicos pesquisadores que se dedicam a essa atividade no Brasil, em termos de biologia posto que existem paralelamente os estudiosos que militam na química propriamente dita dos líquens.

O Manual de Liquenologia será de grande utilidade didática, pois até então as nossas universidades sentem a falta de uma obra de autores nacionais, nessa especialidade, preenchendo consequentemente uma lacuna de muitos anos. Lucrarão alunos e professores de língua portuguesa, que são forçados a recorrer a autores estrangeiros, para consultas e pesquisas sobre biologia de líquens.

CAPITULOS

O trabalho constará de 19 capítulos, versando sobre Hábitus, Habitat, Morfologia (interna e externa), Técnicas Anatômicas; Teorias e Fatos sobre o Caráter da Associação Alga-Fungo; Importância dos Líquens para o Homem; Quimiotaxonomia; Orientação Sistemática Atual; Listas dos gêneros Brasileiros com respectivas chaves analíticas. Traz ainda uma relação de termos utilizados em Liquenologia e uma bibliografia de cerca de 300 obras em línguas estrangeiras.



INTRODUÇÃO

Na introdução ao trabalho, que conta com a colaboração do Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, José Carneiro Leão, e do diretor do Centro de Ciências Biológicas, Prof. Ernani Silva, os autores afirmam:

A primeira descrição dos Líquens foi feita por Tournefort (1694-1698), que, no entanto, não os distinguiu dos Musgos. Em 1729, o italiano Micheli empregou, pela primeira vez, o termo "LIQUEN" (grego "LICHEN") — planta rasteira ou lambechão, — para esses vegetais, chamando os apotécios de receptáculos florais. A verdadeira natureza dos líquens só foi reconhecida em 1868, quando o biólogo suíço Schwendener demonstrou tratar-se não de uma entidade vegetal, mas de uma simbiose complexa de alga e fungo. No entanto, a idéia inicial de simbiose, fungo-alga, não foi aceita por todos. Botânicos como Bornet, Bonnier e Warming inclinaram-se a considerar, nos líquens a existência de um parasitismo do tipo que Warming denominou helotismo: a alga seria parasitada pelo fungo, que dela retirava seu alimento. Outros, como Beijerinck (1890), admitiu parasitismo, mas considerava a alga como o parasita do fungo. Numerosas teorias foram propostas e as explicações se sucederam, através dos tempos.

Atualmente, a idéia mais aceita pela maioria dos botânicos é a defendida por Reinke, de Bary e Van Tieghem. Reinke, estudando líquens, expôs seu pensamento, usando a figura da inter-relação folha-caule. Na sua explicação, diz: "A alga opera a síntese do hidrato de carbono, que fornece ao fungo, e toma do fungo as matérias azotadas, que ele elabora mais rápido do que a alga, à custa das substâncias minerais extraídas do solo e dos hidratos de carbono fornecidos pelas gonídias. A alga aproveita, ainda, o CO₂ resultante da respiração do fungo, para a fotossíntese, e dele recebe proteção e abrigo contra a secura do ar".

Exatamente quarenta anos depois da definição do biólogo suíço de que o líquen era uma simbiose alga-fungo, Martius, o precursor da botânica no Brasil, no seu livro Icones Plant. Cryptog. de 1828, se reportava ao estudo de líquens brasileiros, possivelmente, sem conhecer a sua estruturação de vegetal simblonte.

Mesmo sem o total conhecimento da verdadeira estrutura líquênica, muitos pesquisadores davam ao mundo trabalhos de sistemática, e outros, como Zoot, no fim dos idos de 1890, já estavam dando a conhecer a verdadeira estruturação da química dos líquens.

Já em 1833 comentários sobre os trabalhos de Martius estavam sendo publicados. Desta feita foi F. Eschweiler, no livro intitulado "Lichenes in Martius, Fl. Bras. I (1) 51: 293, de 1833".

Logo depois, o próprio Martius publicava "Syst. Mat. Med. Brasil em 1843". Neste trabalho se reportava à utilização dos líquens como medicamento. Podemos, pois, concluir que o pioneiro do estudo dos líquens no Brasil foi Martius e, além do mais, o primeiro a observar que a população de Minas Gerais utilizava líquens para curar "afta das crianças".

Depois encontramos os profs. Carlos Toledo Rizzini e Walter Mors como estudiosos do grupo líquens no Brasil. Logo em seguida o grupo dirigido pelo saudoso prof. Augusto Chaves Batista, que muito contribuiu para a liquenologia no Brasil.

Não será fora de propósito apresentar uma visão de conjunto sobre um assunto ainda virgem entre nós. Ademais, uma série de particularidades assinala tal matéria. Por isso mesmo, é difícil compreender a razão por que nenhum tratadista faz referência a esse ponto fundamental, pois quem desconhece as técnicas de trabalho não poderá intentar num campo com procedimentos próprios como este. Eles descrevem as estruturas mas não dizem a maneira pela qual o leitor deve, se quiser, agir para as observar. Teremos o prazer de enriquecer esta obra com a explicação completa dos métodos em uso na liquenologia — será a única a contê-los todos — aproveitando a oportunidade para divulgar o que a prática nos ensinou, pois sua sábia direção indica o rumo certo para aprender a lidar com a Natureza. Posto isto, o que vamos dizer é como orientação geral.

Poucos são os trabalhos sobre líquens publicados em português. E raros os que se destinam aos principiantes no estudo desse interessante grupo de vegetais.

Por isso resolveram os autores dar publicação a este trabalho, que visa orientar e facilitar o conhecimento dos líquens.

Com a cada vez maior ocorrência de naturalistas ou biólogos formados pelas Faculdades e Institutos tem se desenvolvido o interesse pelos mais variados grupos de seres vivos, tanto vegetais como animais. É a estes jovens naturalistas, e biólogos, de modo especial, que se destina o presente trabalho.

Reitor	Professor Marcionilo de Barros Lins
Vice-Reitor	Professor Rômulo Maciel
Pró-Reitor Comunitário	Professor Armando Ribeiro Samico
Diretor do DEC	Professor Marcos Albuquerque
Redator-Chefe	Manoel Neto Teixeira
Repórteres	Raimundo Carrero
.....	Angelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho
Diagramação	Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

UMA VISÃO HUMANIZADA

O ministro Ney Braga vem empreendendo esforços no sentido de conferir aos programas da alçada da sua Pasta, no âmbito dos três níveis de ensino, um cunho de humanização, notadamente com relação aos estudantes comprovadamente carentes de recursos financeiros — e que constituem a maioria, pelo menos as pesquisas feitas pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais comprovaram essa realidade, em termos de Nordeste.

Um exemplo é a recomendação do titular do MEC para que a sua equipe de trabalho conclua, ainda este ano, o projeto de implantação do sistema de bolsas reembolsáveis no ensino superior, medida de maior importância, considerando que grande número de estudantes não chega a concluir seus estudos por falta das mínimas condições sócio-econômicas para o custeio das taxas e emolumentos escolares.

O sistema que o MEC está providenciando é extensivo às instituições federais e particulares, o que evidencia o interesse do ministro de beneficiar toda a população estudantil do País. O MEC não faz diferença entre aluno de Universidade federal e das particulares, pois todas elas atuam com o mesmo objetivo — preparar o material humano, sob todos os aspectos, para o exercício das mais diferentes profissões, no contexto do desenvolvimento nacional.

O programa prevê dois sistemas: o de

bolsas-anuidades, destinadas a alunos que estudam em escolas particulares, e o de bolsas-manutenção, destinadas a alunos de escolas públicas. O novo programa vai dar chance a quem precisa, e os estudos para a definição indicam que outros tipos de bolsas poderão ser adotados, a depender dos resultados que serão obtidos logo após a implantação do programa.

A bolsa-anuidade beneficiará o aluno que estuda em escola paga. Nessas escolas estão matriculados alunos que não conseguem vaga em estabelecimentos oficiais, em face do problema demanda-oferta, merecendo consequentemente a mesma atenção. A Caixa Econômica Federal concederá empréstimo ao MEC, e já ficou evidenciada a possibilidade de financiamento do programa com recursos anuais que variam entre 500 milhões a 1 bilhão de cruzeiros.

A bolsa-manutenção será concedida de forma diferente, uma vez que se destina ao aluno que estuda em instituições públicas e que não tem condições financeiras sequer para sua manutenção. O estudante beneficiado com este sistema fará uma contraprestação, mediante a realização de serviços profissionais para as comunidades carentes de assistência. Trata-se, como se vê, de uma iniciativa de alto alcance social, o que ratifica o espírito com que o ministro Ney Braga vem desenvolvendo a sua administração, à frente do Ministério da Educação e Cultura.

Exposição revela capacidade artística de Alcedo Lacerda

Fotografar não é captar simplesmente uma imagem. É algo mais importante; significa a arte de transmitir o belo ou até mesmo o feio, com todas as suas nuances e características, dentro de uma visão artística. Existem "retratistas" e fotógrafos. Existem apenas os que sabem fixar uma situação, um flagrante, sem que eles ganhem dimensão maior, a dimensão que justifica a arte, que sensibiliza o homem.

Entre os fotógrafos que sabem escolher ângulos e situações capazes de humanizar uma simples situação corriqueira ou de rotina, encontra-se Alcedo Lacerda. Com uma mostra de suas fotografias, o Departamento de Extensão Cultural, órgão da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco, iniciou a sua programação de exposições para o ano de 1975.

No "hall" da Reitoria da UFPE, na Cidade Universitária, foram expostas vinte e uma das suas mais expressivas fotografias, que documentam paisagens urbanas, rurais, templos religiosos, aspectos do Recife, além de recantos turísticos, como as praias de Gaibu, do Paiva e de Itapuama. A foto n.º 18, mostra a sensibilidade de um fotógrafo

voltado para aspectos da vida rural. Enfoca o diálogo entre duas mulheres, em pleno labor, vendo-se ao fundo um homem montado num jumento. A esta foto ele deu o nome de "Fofoca no Campo" ou "Maria, Maria e José". É esta uma das situações mais tradicionais da vida rural brasileira, já enfocada por diversos escritores. De certa forma, esta fotografia lembra alguns dos momentos do poeta e teatrólogo Federico Garcia Lorca, o que mostra, mais uma vez, a enorme identidade entre a vida espanhola e a brasileira. A foto, pelo que contém de poético, revela a sensibilidade profissional de Alcedo Lacerda.

Outra foto que consegue prender a atenção do espectador, é a de número 12, que enfoca o Convento de São Francisco, em Olinda. O convento, às margens do mar e circulado por árvores frondosas, parece evocar um momento de solidão, que se confunde ao mesmo tempo com paz e ansiedade. Uma ansiedade de eternidade, de calma, de busca. Uma solidão que parece saltar das páginas do escritor grego Nikos Kazantzakis, autor dos "Irmãos Inimigos", "Zorba, o Grego" e "Pobre de Deus", entre outros. Envoltos em sombras, cheio de tranquilidade, o

convento, na fotografia de Alcedo Lacerda, representa, para muitos, a busca do abjeto, a busca de Deus.

Por outro lado, várias fotografias enfocam os mais diversos recantos turísticos do Estado, mostrando as praias de Gaibu, Paiva, Itapuama e São José da Coroa Grande, ainda pouco exploradas, do ponto de vista turístico, apesar da beleza paisagística e das vantagens que oferecem pelo fato de não estarem totalmente poluídas. Tudo isso demonstra a capacidade e interesse de um fotógrafo que procura fugir ao convencional, que vive em busca do ideal, que procura captar aquilo que todos nós procuramos na vida — o poético.

O Departamento de Extensão Comunitária da Universidade Federal de Pernambuco, dirigido pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, elaborou uma programação de exposições para o ano de 1975, devendo a 2.ª mostra versar sobre a "Literatura de Cordel". Este programa das duas exposições mensais, o que permitirá aos estudantes, professores, funcionários da Universidade e ao público em geral um contato visual e permanente com o desenvolvimento da cultura nordestina.

Visita do ministro, um fato importante na história da UFPE

O Reitor Marcionilo Lins proferiu as seguintes palavras de saudação ao ministro Azeredo da Silveira, por ocasião das homenagens tributadas ao chanceler brasileiro, na Reitoria.

"A Universidade Federal de Pernambuco vive, hoje, um dia de grandeza, de alto significado na sua história como organização de Ensino Superior em Pernambuco, com a visita de Vossa Excelência, para aqui proferir, a convite do Diretor da Faculdade de Direito, a aula inaugural, de 1975, dos Cursos Jurídicos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Na qualidade de Reitor, e, como tal, Presidente dos Conselhos, devo, Sr. Ministro, dizer da satisfação e da honra da Universidade, em recebê-lo. Esta é a segunda vez que a Universidade recebe a visita de um Ministro das Relações Exteriores, de vez que, em 1972, tivemos, também, a honra de receber o Sr. Ministro Mário Gibson Barbosa. A Universidade oferece um exemplo muito parecido, Sr. Ministro, com aquele que V. Exa. dá a todo o Brasil e ao mundo, debatendo livremente o que aqui dentro partícamos: Princípios, Direitos e Rumos traçados para o futuro. Portanto, é grande a afinidade entre o seu Ministério e o nosso; que é o da Educação.

Vivemos uma era de integração, uma época em que, de acordo com os rumos traçados pelo ilustre Presidente da República, General Ernesto Geisel, tudo no governo se completa e une no sentido da ação. A Universidade Federal de Pernambuco vem vivendo um processo grande de reforma acadêmica, respeitando as coordenadas básicas traçadas pelos seus fundadores mas preparando-se, dentro do atual contexto, para o futuro. Nasce daí, para alegria de todos nós, um diálogo bem forte entre o que alguns chamariam de pensamento conserva-

dor e o pensamento renovador. Felizmente dentro desta Universidade, por mais fortes que sejam estes diálogos, por mais violentas que sejam as batalhas travadas, no fim, não há nem derrotados nem vitoriosos, nem vencidos, nem vencedores; no fim, chegamos todos a um denominador comum que é o pensamento do melhor para a Universidade, do melhor para o Brasil. Essa tem sido a nossa filosofia, no decorrer desses três anos, inclusive, também, não fugindo ao diálogo com a classe estudantil, diálogo em que, às vezes apelamos suas idéias, às vezes delas discordamos, outras vezes também as rejeitamos, procurando, igualmente, chegar ao mesmo denominador comum. É portanto a Universidade o local apropriado para se discutir doutrinas, é o local apropriado para o diálogo das inteligências. É assim que pensamos todos nós que fazemos a Universidade Federal de Pernambuco, porque a sentimos constituída pelos seus alunos e respeitada pelos seus professores.

A Universidade não poderia ignorar a prerrogativa desta honra e deixar de marcar o dia em que V. Exa. nos visita por uma lembrança palpável. Na qualidade de Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, eu desejo oferecer a V. Exa. a medalha que o Reitor desta Universidade usa como insignia do seu poder, nas cerimônias universitárias, e na qual estão naturalmente inscritos os três grandes factos de saber que a Universidade cultiva. Assim, com muita honra, passo às mãos de V. Exa. esta recordação que assinalará para sempre a honrosa visita que hoje recebemos".

As palavras do ministro

"Não estou me surpreendendo com a gentileza pernambucana, mas, me sinto extremamente sensibilizado com ela. Vim a Recife a convite da Universidade e da Faculdade de Direito, para dar uma aula que chamaram Aula de Mestre, e que criou em mim um certo complexo; não porque eu recebo o título do qual me orgulho. Sou um homem da minha instituição, especializado em Relações Internacionais, que é aquilo de que eu gosto de me ocupar e eu acredito que uma das grandes felicidades para qualquer ser humano é poder fazer alguma coisa para a qual se sintam realmente inclinados, para a qual tenha vocação. Eu já tive idênticos convites de outras Universidades mas não houve oportunidade para que eu pudesse aceitá-los. Como retribuição ao presente convite e à presente honra que me deitam, será esta a primeira vez que eu faço um pronunciamento público sobre a política exterior do Governo do Presidente Geisel. É uma política que eu chamaria de renovação. Não porque negue o passado, mas porque as circunstâncias internacionais são diferentes. O Brasil é um país que cresce e tem uma dimensão maior, é uma nação emergente e tem que se habituar a aceitar os desafios que venham de fora, da mesma forma que precisa aprender a projetar, de acordo com sua estatura, os seus interesses no exterior. Nós não podemos ignorar o quadro externo e nem devemos; isso não quer dizer que, necessariamente, esse quadro externo nos deva contaminar, mas quer dizer que nós devemos ter uma avaliação realista do que ele é, inclusive, para que possamos influenciá-lo na medida dos interesses nacionais brasileiros. É isso o que se pretende fazer hoje no Itamarati, de forma profissional

e consciente, sem o excesso de cargas emocionais e pensando também num Brasil do futuro, embora trabalhando dentro de circunstâncias que são atuais".

Magnífico Reitor eu lhe agradeço enormemente esta homenagem que me fazem aqui, neste momento. Creio que é muito difícil encontrar alguém com alguma inclinação intelectual, que não tenha desejado ser Professor, alguma vez em sua vida. Eu mesmo lhe faço uma confidência: hesitei muito, se estudaria Medicina ou se seria Diplomata. Creio que escolhi bem, embora tenha sido um pouco forçado pelas circunstâncias, já que fui obrigado a escolher porque já trabalhava e senti que não poderia ser um bom médico, se não pudesse dedicar, integralmente, meu tempo ao estudo da Medicina. É muito curioso, isso, mas é verdadeiro. Acho porém, que escolhi certo. Não direi absolutamente que eu seja um muito bom Diplomata, mas certamente, teria sido um pior Médico. Enfim, isso é uma coisa que me aproxima muito dos Professores, dos Mestres que tentam trabalhar dentro de uma realidade que é palpante e real, inclusive preparando as gerações do futuro e, ao mesmo tempo, não se esquecem de que necessitam de um conteúdo conceitual e de ordem para que possam levar a cabo essa tarefa que talvez seja a tarefa principal do Brasil: preparar os seus homens do amanhã.

Estou muito sensibilizado com esta homenagem. Não quero dizer muito mais, porque creio que hoje, à noite, é que eu devo fazê-lo. Assim, apenas agradeço a todos e muito especialmente a V. Exa., Magnífico Reitor, esta homenagem. Muito obrigado".

Cecine: 10 anos de labor pelo progresso científico

A Coordenadoria de Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine) comemorou seus 10 anos de fundação. São 10 anos de relevantes serviços prestados ao desenvolvimento das ciências, principalmente no que diz respeito à preparação de professores para todos os Estados do Norte e Nordeste.

O Cecine é um órgão suplementar da Universidade Federal de Pernambuco. Funciona em convênio com vários órgãos estaduais e federais, ligados aos assuntos educacionais. Inicialmente tinha a denominação de Centro de Ensino de Ciências do Nordeste, mas por deliberação do Reitor Marcionilo Lins, passou para a condição de Coordenadoria.

Seu principal objetivo é aprimorar o ensino e a pesquisa educacional do setor das Ciências, nas regiões Norte e Nordeste, através dos cursos de Licenciatura. Conta com uma equipe de professores de alto nível — a

maioria pertence à UFPE. Recebe colaboração efetiva da Faculdade de Educação da Universidade.

Contou desde o início das suas atividades com o patrocínio da Diretoria do Ensino Secundário, da Sudene e da Fundação Ford, sendo dirigido por um Conselho Técnico Administrativo.

Mantém os cursos de Licenciatura, para a formação a curto prazo de professores de Matemática e Ciências para os Ginásios Polivalentes, em convênio com o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (Premem), e o de Licenciatura Parcelada, destinado a professores leigos de Ciências e Matemática, com a colaboração efetiva da Faculdade de Educação da UFPE.

Tem como diretor executivo o professor Aymor Sorli no.

ANESTESIA GERAL EM ODONTOLOGIA: VANTAGEM OU NÃO PARA O PACIENTE?

No Brasil, o odontólogo raramente utiliza a anestesia geral em seus pacientes. Mesmo assim, quando recorrem a este expediente têm que solicitar a colaboração de um especialista. Isto porque as leis vigentes não permitem que ele próprio faça a anestesia ainda que solicitado pelo paciente. Normalmente, o odontólogo utiliza apenas a anestesia local — o que é feito convencionalmente em todos os consultórios do País — e, apenas nos casos de absoluta necessidade, contando com a aquiescência do paciente e cumprindo as exigências da lei, a anestesia geral ou profunda.



A equipe do professor José Barbosa realizando uma cirurgia em que foi aplicada a anestesia geral

A mesma situação não se observa, por exemplo, em países da Europa, e, em particular, em Londres. Na capital da Inglaterra os odontólogos têm liberdade para utilizar a anestesia geral, mesmo em seus consultórios particulares, onde dispõem de todos os equipamentos necessários. Para a realização desse tipo de trabalho contam, inclusive, com o apoio integral do Governo. Por outro lado, as unidades universitárias têm salas especiais preparadas para este tipo de operação, utilizada largamente pelos especialistas.

CONGRESSO

Este aspecto é abordado pelo professor José Barbosa de Oliveira Filho, titular da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco. Ele participou recentemente do 62.º Congresso da Federação Dentária Internacional, da qual é membro, em Londres. Aproveitou a viagem para visitar os principais centros científicos europeus, incluindo, Zurique, França, Itália, Espanha e Portugal.

Entre os assuntos mais importantes debatidos durante o Congresso figuram: implantes, anestesia geral para tratamento odontológico, profilaxia da cárie e doenças periondontais, periondontia, endodontia, maior integração do profissional com a comunidade e educação continuada.

EVOLUÇÃO

Com relação à educação continuada, debateu-se a necessidade de uma maior participação do profissional em cursos, de forma a que ele esteja sempre integrado na evolução da ciência odontológica. Considerou-se



O prof. José Barbosa fazendo os preparativos para a cirurgia

importante o apoio sempre renovado aos cursos de pós-graduação, mestrado, licenciatura, além daqueles considerados extra-curriculares, onde os problemas da matéria são amplamente debatidos.

Durante sua viagem de observação aos centros científicos mais avançados da Europa, o professor José Barbosa deteve-se, principalmente, em Zurique, na Suíça, que considera o mais importante de todos eles, onde as pesquisas e estudos já se encontram em nível mais avançado. Verificou, inclusive, que na França, Itália, Espanha e Portugal a preparação do estudante é feita de modo bastante diverso da nossa: lá o aluno tem que fazer o curso de Medicina, correspondente a três anos, em seguida faz Odontologia Geral, num período de três anos, para posteriormente, fazer a especialização em quatro anos. Salientou, entretanto, que além do curso de Graduação e Pós-Graduação, em Zurique, a Universidade mantém um Centro de Pesquisa, dentro de um plano de alto nível.

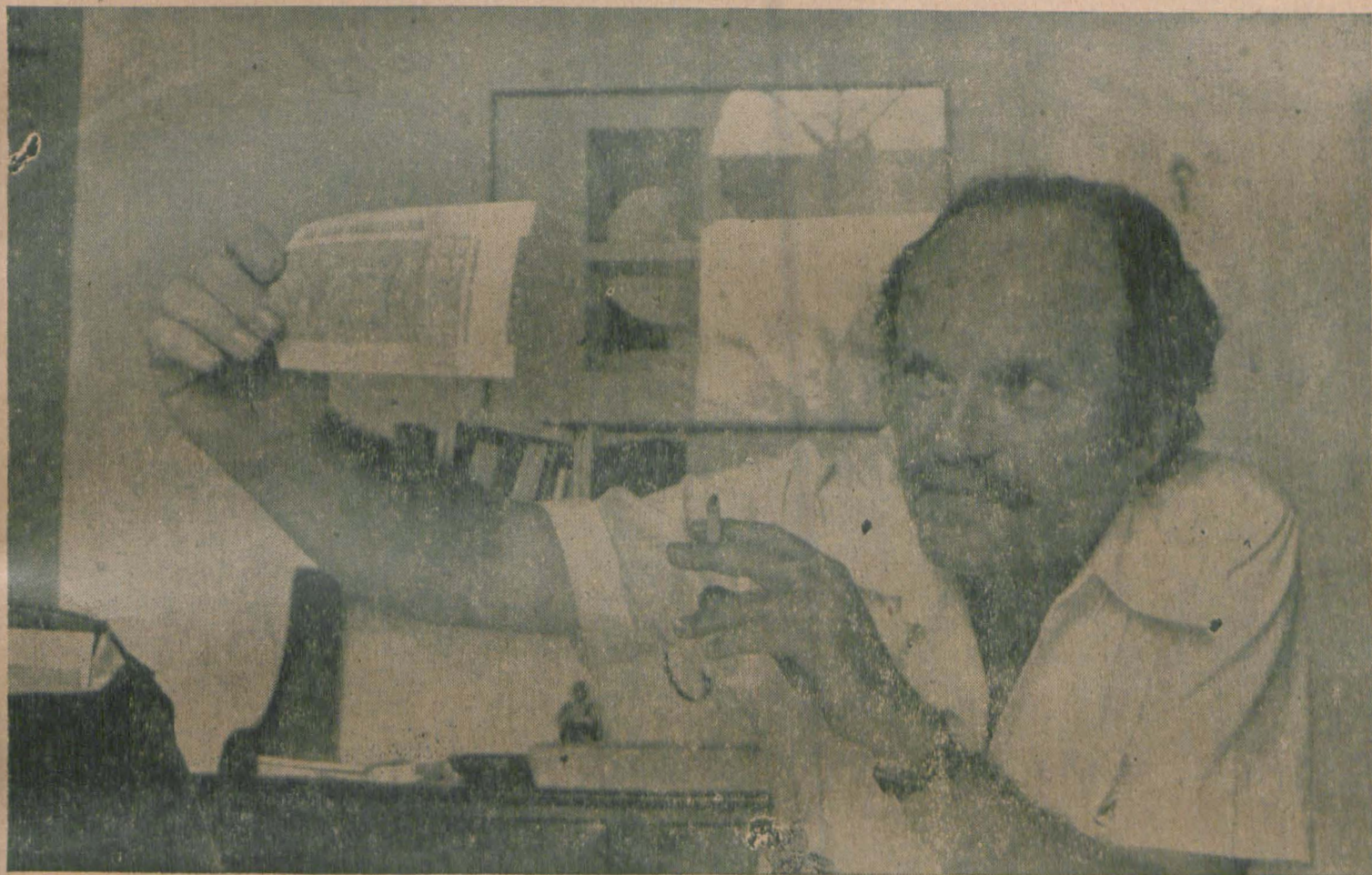
IMPLANTES

Além do problema da anestesia geral, o professor José Barbosa esclareceu que outro assunto que despertou grande interesse e mereceu acalorados debates foi o processo de implante. Este assunto é hoje motivo do maior interesse nos meios universitários e científicos, sobretudo na França, onde é estudado com atenção especial. Trata-se de matéria do mais alto interesse para os odontólogos, e no Brasil já começa a ser estudado com mais acuidade.

Pintor coordena campanha em defesa da cultura brasileira

O pintor Aloísio Magalhães vem mantendo permanentes contatos com autoridades brasileiras a fim de conseguir apoio para a criação do Centro Nacional de Referência Cultural. Com este objetivo esteve na Universidade Federal de Pernambuco, onde manteve reuniões com o Reitor Marcionilo de Barros Lins e o Pró-Reitor para Assuntos Comunitários, professor Armando Samico.

No momento, Aloísio Magalhães é coordenador do Grupo de Trabalho que resultará na criação do Centro, que conta com o apoio do Ministério da Indústria e Comércio, Ministério da Educação, Secretaria de Planejamento e Casa Civil da Presidência da República.



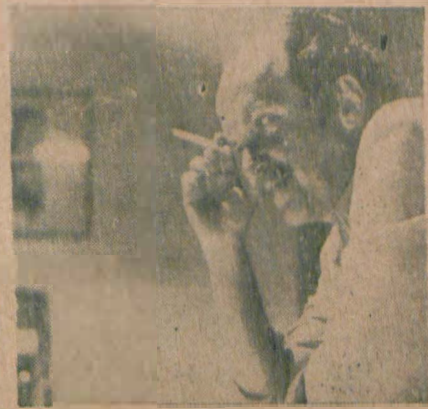
O pintor Aloísio Magalhães notabilizou-se através dos desenhos e projetos que fez para as novas cédulas e moedas do País. Seu trabalho artístico, apresentado em várias exposições realizadas no Brasil e no Exterior, sempre recebeu elogios da crítica.

Sua carreira artística foi iniciada no Recife, integrando grupo da Jovens Intelectuais. Fez parte do "Gráfico Amador", juntamente com Gastão de Holanda, Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna, confirmando assim que a capital pernambucana sempre foi um dos mais notáveis centros de cultura do País.

Mais tarde transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde as possibilidades artísticas eram bem mais amplas. Na Guanabara, deu prosseguimento ao seu trabalho, realizando pesquisas sobre pintura. Entretanto, jamais perdeu os vínculos com a cultura nordestina.

Preocupado com as raízes da cultura brasileira, mostrou a entidades governamentais a necessidade de se organizar um centro que congregasse todas as referências capazes de guardar a "memória nacional". O projeto recebeu o apoio do Ministério da Indústria e Comércio.

Em julho deste ano, a Casa da Moeda lançará as novas moedas de 10 mil cruzeiros, que trazem desenhos de Aloísio Magalhães.



O rápido processo de desenvolvimento econômico de um país pode descaracterizar as suas raízes culturais, tirando-lhe aquilo que de tem de mais verdadeiro, genuíno e autêntico. Esse fato no Brasil, tem preocupado artistas, artesãos e até mesmo os artífices do desenvolvimento. No atual Governo, um dos males preocupados com esse aspecto é o ministro da Indústria e Comércio, Sr. Severo Gomes, que já elaborou um plano para evitar que o desenvolvimento econômico, que se processa de modo tão rápido, não esmaque a identidade nacional.

O plano já conta com a colaboração do Ministério da Educação e Cultura, da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, da Casa Civil, do Itamaraty. Todos os ministros — Ney Braga, Raulo Veloso, Golbery do Couto e Silva e Azeredo da Silveira — estão entusiasmados e prometem levá-lo adiante. O projeto — que estará pronto dentro de um ano — já está sendo estudado por uma Comissão que funciona na Universidade de Brasília. Um Grupo de Trabalho, dirigido pelo pintor Aloísio Magalhães e composto por um especialista em Engenharia de Sistemas, um em Documentação e Indexação e outro em Antropologia Cultural elaborará todo o programa e apresentará sugestões.

Três exposições deverão ser apresentadas este ano, em 76 e em 1977. A primeira será sobre o Índio brasileiro de 1500, a segunda sobre Portugal da época da descoberta do Brasil e a terceira sobre a costa da África do século XVII até meados do século XIX, que é a terceira fonte de formação racial e cultural do Brasil.

Segundo o secretário da Educação do Distrito Federal, embaixador Wladimir Murtinho, para a realização dessas exposições várias pesquisas serão realizadas, inclusive no exterior. Para o embaixador, essa pesquisa é necessária porque grande parte do material sobre o Índio brasileiro está no exterior, levado

por colecionadores. É possível que outras exposições, sobre Santo Dumont e Pedro II, sejam realizadas antes do fim do ano. Pelo menos, o assunto vem sendo analisado.

Comunicações

O problema da descaracterização da cultura brasileira, em virtude do rápido desenvolvimento verificado no País, nos últimos anos, já vinha preocupando o professor Aloísio Magalhães. Segundo ele, a descaracterização cultural do País está assumindo, a cada dia, maior gravidade. Afirma que a questão fica mais séria em virtude do avanço das comunicações, que acelera a absorção das características e comportamentos dos países mais desenvolvidos. Ele é o coordenador do Grupo de Trabalho que resultará na criação do Centro Nacional de Referência Cultural.

O professor Aloísio Magalhães considera que o desenvolvimento econômico é sempre desejável, sem de ser necessário. Entretanto, é preciso evitar que ele destrua todos os valores culturais do País, liquidando o que a Nação tem de mais caro, que é a personalidade do seu povo.

O Centro Nacional de Referência Cultural terá o seu trabalho controlado por computadores, dentro da perspectiva de racionalizar tarefas, em termos de recolher, classificar e estudar todas as informações necessárias à preservação da "memória nacional". — É preciso evitar, explicou, que sejamos uma cópia do que já existe na Europa e nos Estados Unidos. Precisamos não esquecer nossa cultura, para absorver uma cultura estranha às nossas características, o que, sem qualquer dúvida, roubaria a nossa personalidade, fazendo a riqueza por um lado e a pobreza por outro.

Desenho Industrial

Por exemplo: uma das preocupações do ministro Severo Gomes — desde

quando ocupou o cargo de diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo — é que o desenho industrial, no Brasil, possa se desenvolver a ponto de os nossos produtos serem reconhecidos imediatamente, como brasileiros. Isto é, características próprias, características brasileiras, sem que pareça uma cópia, um arremedo. Em 1973, já como diretor do Museu, o ministro Severo Gomes tentou estabelecer um programa para o desenvolvimento do desenho industrial. Encontrou muitas dificuldades. Tentou contato com várias instituições, entre elas a Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e Comércio, a Escola de Desenho Industrial e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Os contatos correram lentamente, até que, no ano passado, assumiu o Ministério da Indústria e Comércio.

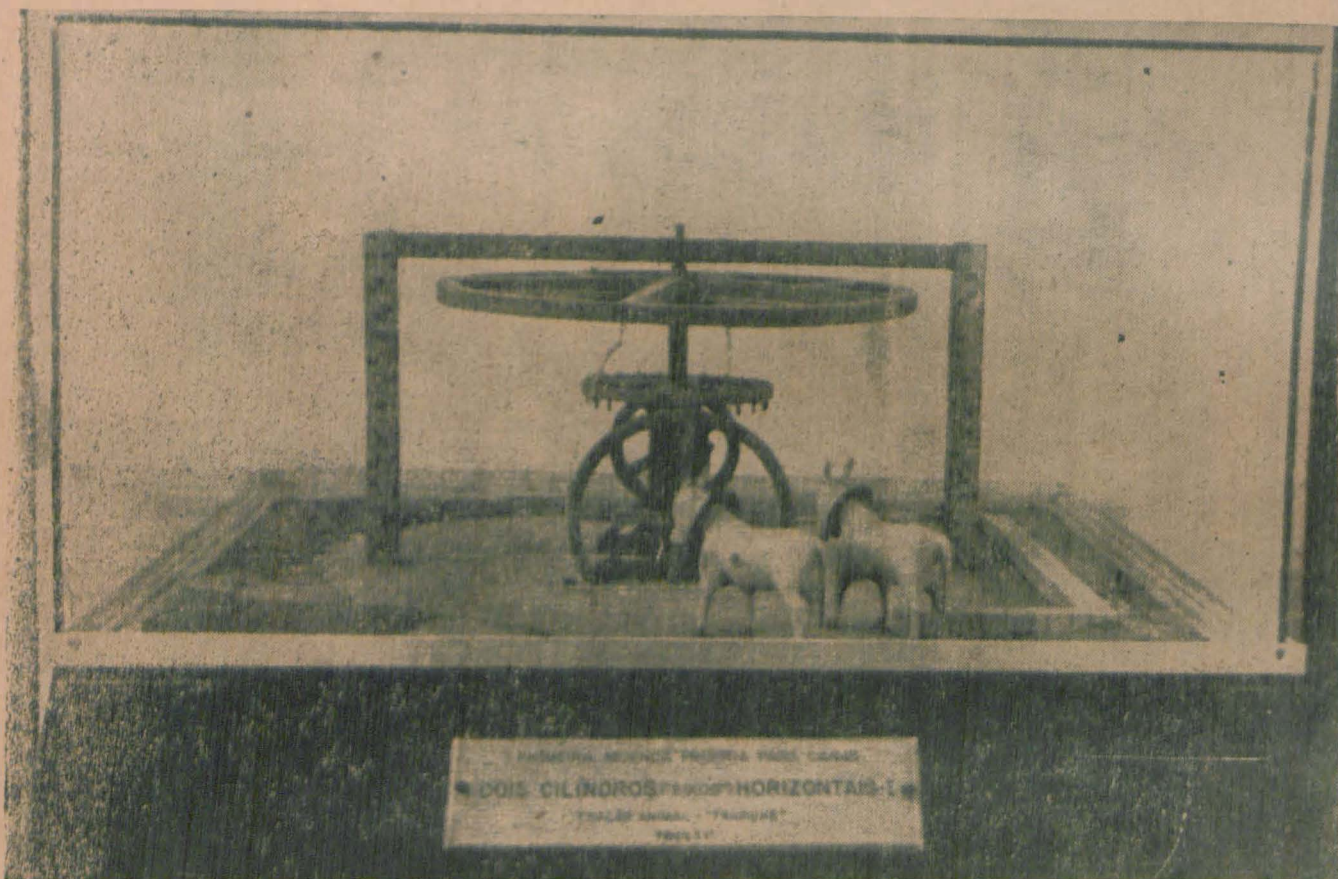
Seu encontro com o Embaixador Wladimir Murtinho, em Brasília, foi fundamental para o desenvolvimento da idéia. Também este, secretário de Educação do Distrito Federal, estava preocupado com o problema. Já conhecia o professor Aloísio Magalhães e com este debaterá o assunto em diversas oportunidades. Os três conversaram, estudaram, discutiram. Foi quando o ministro Severo Gomes levou a idéia ao general Golbery do Couto e Silva e aos ministros Raulo Veloso e Ney Braga. Todos ficaram entusiasmados. Era preciso levar o plano adiante.

A Comissão foi formada. Já com muita precisão, a matéria começou a ser debatida as pesquisas feitas, os planos elaborados. A Comissão instalou-se na Universidade de Brasília. Agora é esperar que o projeto se concretize.

Para debater o problema e recolher informações, o professor Aloísio Magalhães esteve reunido, no fim do mês, com o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, professor Marcionilo de Barros Lins e com o Pró-Reitor para Assuntos Comunitários, professor Armando Samico, com quem mantém um longa reunião.

Civilização do Açúcar: sua permanência

A civilização imposta pela monocultura açucareira deixou inúmeros vestígios de sua presença, entre nós, através da dureza de seus instrumentos de trabalho ou de uso, testemunhas de uma época rudimentar, pragmática e ao mesmo tempo desejosa de permanência e durabilidade: daí o caráter do material empregado, de grande têmpera — madeira, ferro ou couro — tudo muito rígido e torneado, como as espingardas de caça, as cabaças de mel, os chapéus dos vaqueiros, de couro maciço, os bornais para viagem, as cabaças para pólvora, etc.



Havia como que uma consistência não fabril porém durável nos objetos, onde o caráter utilitário estava associado à durabilidade do seu uso: as coisas pareciam ser feitas pelo homem para que durassem para sempre, dando-nos a impressão de que possuíam uma marca especial, distinta, única e definitiva. Mesmo em sua rudeza os objetos proclamavam o caráter irredutível e como que eterno de sua função.

Os instrumentos de trabalho da civilização do açúcar parecem carregar uma concepção de tempo simultaneamente monótono e rico de variações no espaço. Em sua composição entra a participação do homem ou do animal e, portanto, de organismos vivos responsáveis pela execução de um programa vital de planeja-

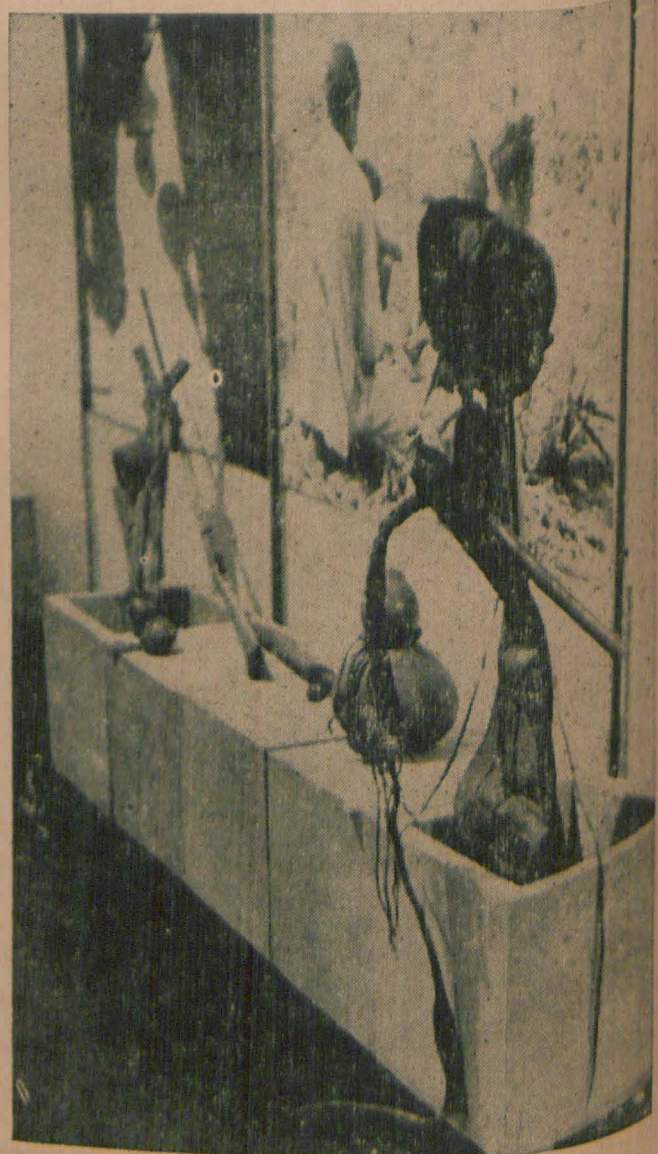
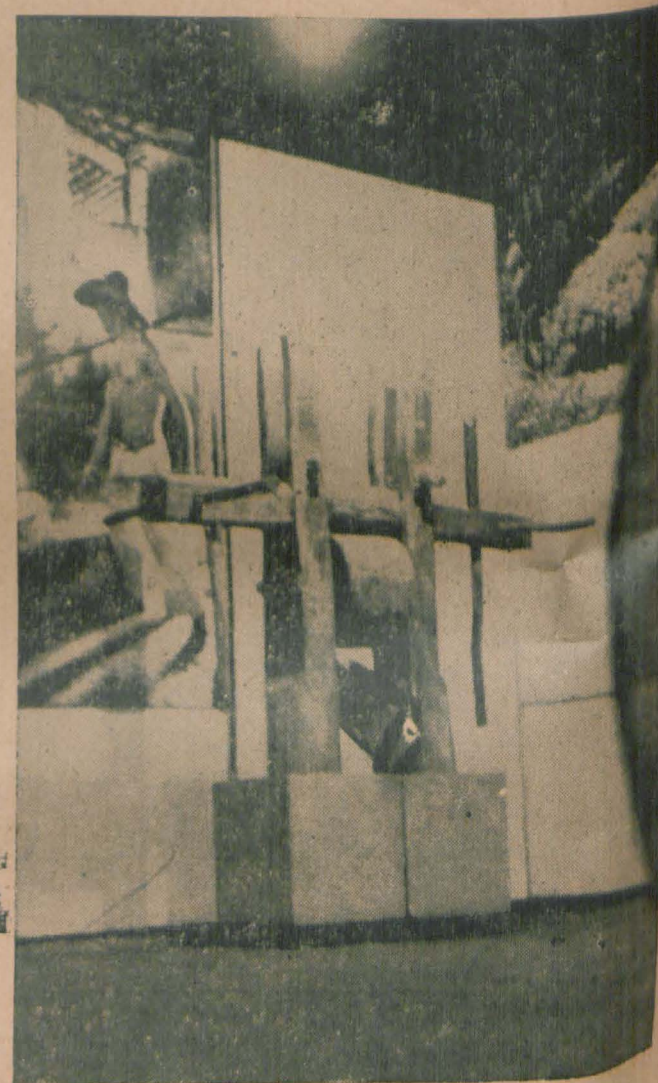
mento econômico, de que podem servir de exemplo as moendas da época. Vejamos estes dois tipos de moendas: O primeiro tipo será o da moenda manual, de feição rudimentar, movida por dois homens, através de dois paus colocados nas extremidades de um madeirame aberto no meio para receber a cana que, depois de prensada, é esmagada pela roda, enquanto o caldo desce por uma calha que deságua num caldeirão colocado em sua base.

O outro tipo de moenda é de tração animal. Os burros, ligados à almanjarra, por meio de duas cordas, acionam a roda mestra que, por sua vez, movimenta a roda dentada colocando, em seguida, os cilindros em movimento através de duas outras rodas colocadas em sentido vertical, enquanto a cana vai sendo esmagada

entre dois cilindros dispostos horizontalmente.

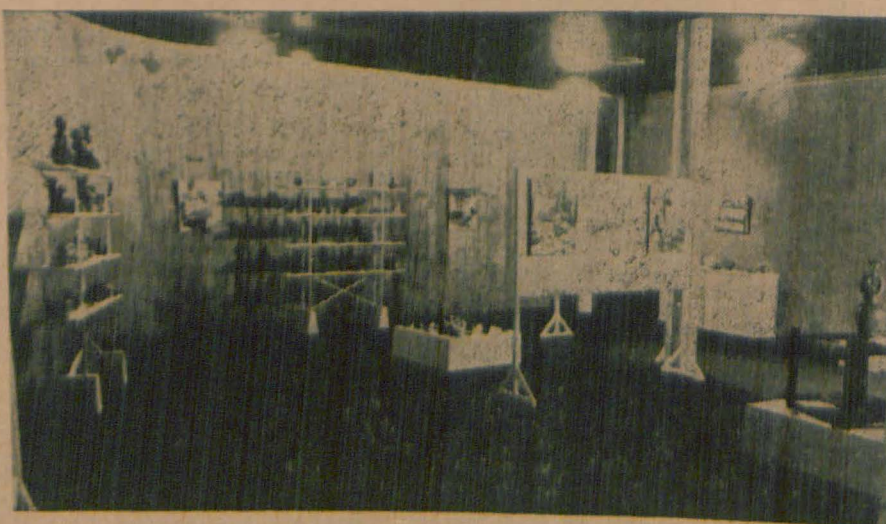
Até nas manifestações folclóricas, ligadas ao ciclo da cana de açúcar, como o cavalo marinho, sentimos esta atmosfera de irredutibilidade e de permanência, no material de confecção como os planejamentos, o couro e a madeira empregados em sua função de espetáculo popular.

Vemos como a concepção do trabalho está, em tal civilização, ligada inseparavelmente a uma concepção de tempo. O tempo como algo de corpóreo, de extremamente vital e de extremamente orgânico na atividade do homem que manipula a realidade que lhe serve e lhe emoldura a existência.



Joaquim Nabuco expõe valores da cerâmica

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais abriu ao público este mês uma nova exposição sobre "A Cerâmica Popular do Nordeste", coordenada pelo Departamento de Museologia, visando fornecer informações específicas sobre as técnicas e processos artísticos da cerâmica popular da Região.



O Departamento de Museologia do IJNPS programou para este ano várias mostras, descobrindo a temática do Museu de Antropologia, por considerar de grande importância as exposições rotativas, como um processo de visualização da cultura regional. "A Cerâmica Popular do Nordeste" é a primeira deste ciclo de exposições e apresenta textos, fotos e objetos representativos da modelagem popular.

A mostra inclui cem peças de sentido utilitário e dezenas de outras, de significação figurativa, decorativa ou lúdica, tornando conhecidos seus autores, artistas populares do Nordeste. Na exposição pode-se também ter uma idéia

de como o oleiro popular confecciona as peças, nas suas diversas etapas, desde a escolha do barro, até o acabamento.

Mostra-se também a evolução das técnicas em cada um dos principais ceramistas da região.

Dentre as peças a destacar, estão algumas de Vitalino, como o engraxate; de Zé Caboclo, como instatâneos da vida do povo (uma missa, um pintor, uma costureira, o maracatu); e de Lídia de Tracunhaém, como figuras de santos, além de objetos de cerâmica utilitária, inclusive maringas, tigelas e vasos, muitos deles vitrificados e decorados.

Nos montes, a lição de heroísmo e bravura na expulsão do invasor



O hasteamento do Pavilhão no aniversário da 2.ª Batalha



Perante as autoridades, o professor Orlando Parahym fez a alocução sobre a 2.ª Batalha

Na Esplanada das Forças Armadas, nos Montes Guararapes, foram realizadas cerimônias civico-militares assinalando o transcurso de mais um aniversário da 2.ª Batalha, que culminou com a expulsão do invasor holandês, precisamente a 19 de fevereiro de 1654, na qual sobressairam-se o heroísmo e o espírito de patriotismo do soldado brasileiro, sob o comando de um Vidal de Negreiros, Felipe Camarão e Henrique Dias.

A quinze de fevereiro de 1630 os holandeses invadiram Pernambuco pela 1.ª vez. Traziam nos seus navios 3.500 soldados e foram resistidos, em terra, por 850 homens, recrutados entre comerciantes, índios e negros sob o comando de Matias de Albuquerque. Essa resistência dos pernambucanos não impediu, entretanto, que os holandeses se dirigissem à praia de Pau Amarelo, inteiramente desguarnecida, o que lhes veio garantir o domínio sobre Olinda e posteriormente, sobre o Recife.

Matias de Albuquerque manteve a luta durante cinco anos, ao lado de André Vidal

de Negreiros, Felipe Camarão e Henrique Dias. Traído por Domingos Fernandes Calabar, e com a conseqüente queda do Arraial do Bom Jesus, onde se entrincheirou ao lado dos pernambucanos, Matias de Albuquerque teve, contradiatoriamente, o dissabor de ser levado preso para Portugal como culpado pela Vitória da Holanda. Com a queda do Conde Maurício de Nassau, quase quinze anos depois de domínio holandês, os pernambucanos organizaram novas tropas de libertação, sendo em Guararapes que se deu a rendição decisiva das forças holandesas ante as forças pernambucanas.

Parque Histórico Nacional

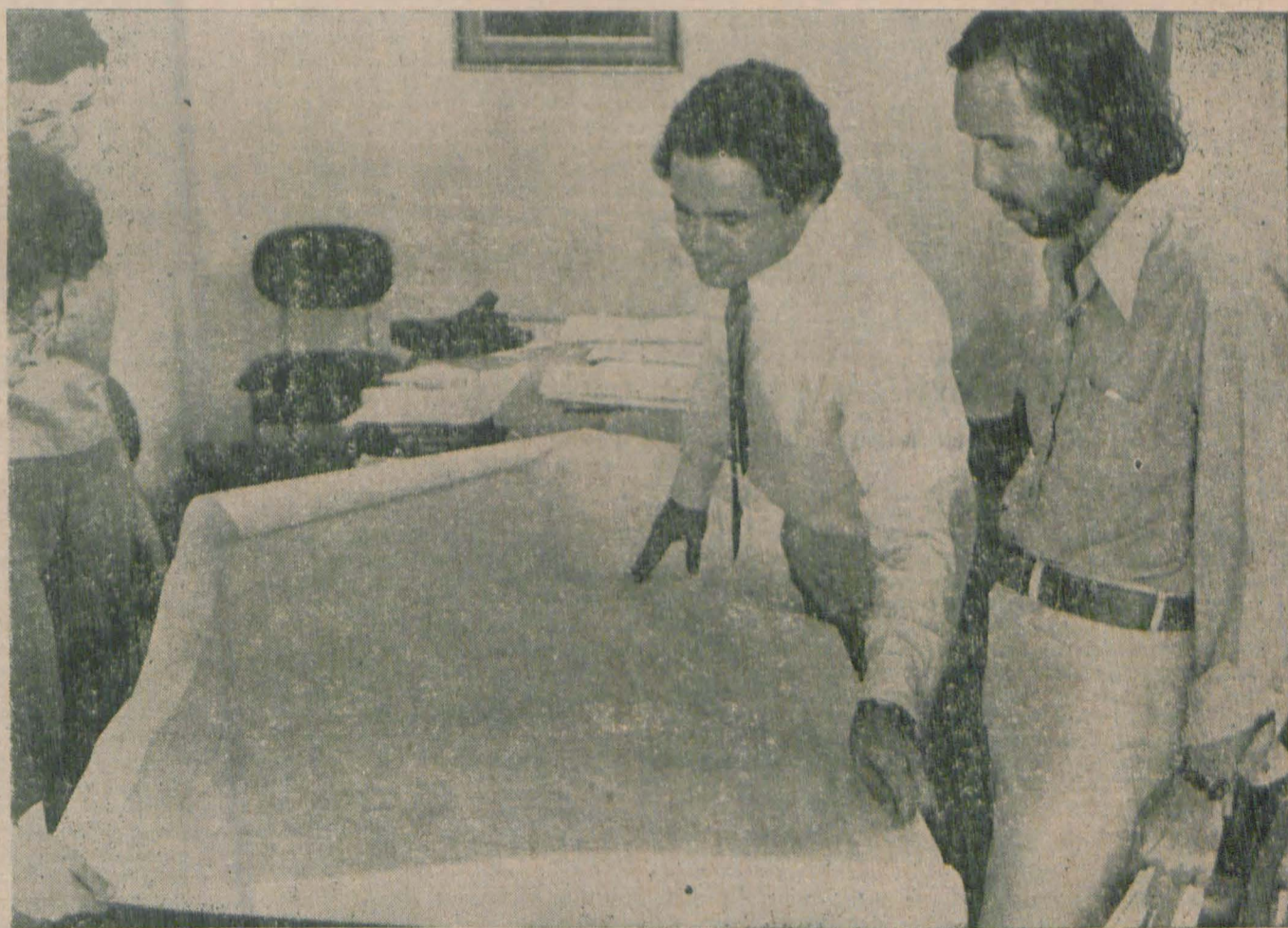
Foi justamente para comemorar os fatos heróicos que culminaram com a expulsão dos holandeses do solo pernambucano, que o ex-presidente Médici criou o Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Já havia no local uma capela comemorativa, que sofreu modificações sucessivas, e que já tinha sido considerada como monumento histórico, sendo, inclusive, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Para o professor Zildo Sena Caldas, diretor da Faculdade de Arquitetura da UFPE, a criação do Parque Histórico veio garantir a preservação de toda a área, onde tiveram lugar as memoráveis batalhas dos Guararapes, garantindo, assim, que o sítio não venha a ser descaracterizado.

ARQUITETURA

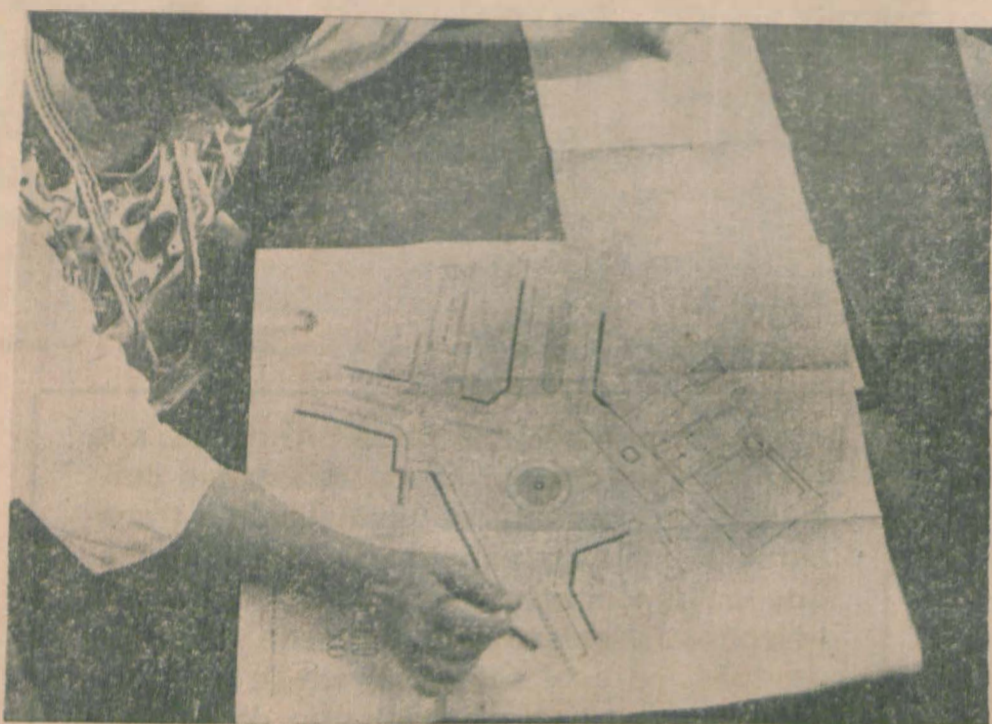
"Através do Departamento de Assuntos Culturais do MEC foi firmado convênio com a Faculdade de Arquitetura, a fim de que fossem elaborados projetos de tratamento paisagístico e das edificações que deverão ser ali localizados: Museu, Auditório, Restaurante Panorâmico. Local para Camping, Quadras Desportivas, Local de Recreação, etc. Os projetos já foram concluídos, encontrando-se em fase de preparação de implantação".

Salientou, ainda, que o tratamento dado ao Parque objetiva a valorização da Igreja ali existente, por si só o monumento que melhor poderia comemorar os fatos históricos que se desenrolaram naquele local.



O diretor de Arquitetura, Zildo Caldas, mostra a planta arquitetônica do Parque Histórico Nacional dos Guararapes

Em 1943, Ulhôa Cintra planejou o Recife



O PORTO E SUA FUTURA EXPANSÃO

Antes de abordar o estudo do problema urbano propriamente, solicitei informações sobre os projetos de ampliação e extensão do porto atual. Sim, porque a aprovação e execução de tais projetos repercutirão imediata e profundamente sobre a cidade e seus planos, facilitando-os ou agravando-os, quicá de maneira irreparável.

Não cabe ao urbanista projetar um porto; nem mesmo fixar suas linhas mestras. Seria entrar em seara alheia, em um ramo muito especializado da arte do engenheiro, no qual jogam alguns fatores de apreciação delicada, tais como o regime das marés com suas correntes de fluxo e refluxo, correntes litorâneas, processos de assoreamento e outros, nos quais um passo em falso facilmente poderá ser fatal. Neste terreno, o urbanista deve limitar-se a alguns retoques, pronto a se encolher se surgir algum "Ne, sutor, ultra crepidam". Dentro dessas limitações, mas tendo em vista que o problema é de importância vital para a cidade, e que lhe cabe não só o direito, mas o dever de acompanhá-lo de perto e intervir mesmo com todo o peso de seu prestígio, caso se torne preciso evitar que seus interesses sejam afetados em demasia, dentro de tais limitações, pois o urbanista procurará obter uma boa coordenação do porto com o sistema viário da cidade e, eventualmente, tentar, como indivíduo imaginativo que é, por dever de ofício, aquecer um pouquinho a frieza de concepção do engenheiro civil, com uns ligeiros laivos de imaginação.

Como projeto mais amadurecido já na fase final, dependente apenas da aprovação do ministro de Viação, foi-me indicado o de autoria do dr. Moraes Rego, projeto que mereceu do grande especialista Alfredo Lisboa a seguinte muito lisonjeira apreciação: "... estudando a ampliação das acomodações portuárias, com aproveitamento das baías do Beberibe e de Santo Amaro, o dr. Moraes Rego organizou em 1924 um plano grandioso, que talvez em futuro

não remoto convirá ser adotado, tornando-se em realidade".

Pelo dr. Dédo Fonseca foi-me indicado em seu trabalho recente, no qual é aventada a idéia do aproveitamento das sugestões do engenheiro Fournié, quando, juntamente com Sir John Hawkshaw, em 1874 e 1875, fez os primeiros estudos para um projeto de melhoramento para o porto.

Piel ao princípio já anunciado de que o esquema viário a ser adotado como norma deverá ser, repito, necessariamente, elástico o quanto possível e capaz de se adaptar a circunstâncias novas ou alterações profundas, além das existentes, examinei também a sugestão referida com o fito de verificar se será possível ligá-la ao sistema viário, em estudo, na hipótese remota ou não, provável ou não — não me cabe prognosticar — dela ser adotada.

Por essa rápida exploração de um caminho lateral que se me deparou, ative-me ao projeto do dr. Moraes Rego com duas reservas, entretanto uma importante e de caráter fundamental para a cidade e outra de caráter secundário, simples adaptação à sugestão de implantar a nova estação central nas Cinco Pontas, sugestão que já encontrei atribuída ao engenheiro Brandão Cavalcanti, adaptação que se conseguirá com pequeno afastamento do eixo projetado neste ponto. A primeira, mais importante, refere-se ao avanço do porto até a baía de Santo Amaro, o que não só sacrificaria um dos aspectos mais originais e empolgante da cidade, como lhe roubará a possibilidade de realçá-lo ainda mais. Aqui, muito justificadamente, deverão inverte-se os papéis, cabendo à cidade dizer: "Alto lá! Aqui é minha seara, não subam além do porto. Ele já encobriu meus recifes e o meu inigualável mar de esmeraldas. Não me tragam agora com todo seu cortejo utilitário, mas inestético, até o coração até meu centro cívico, até junto aos palácios que abrigam a administração suprema do Estado".

REMODELAÇÃO DO CENTRO

Perímetro de Irradiação

"A parte fundamental de qualquer esquema de viação é naturalmente a que deve abranger o núcleo central da cidade, imã de atração para todos os efeitos de administração, de cultura, de negócios, diversões, etc. Os projetos anteriores, que tive oportunidade de examinar, adotaram a solução centralista, erigindo a Praça da Independência em foco de atração e distribuição de circulação do núcleo central. Os inconvenientes dessa solução já foram apontados por outros profissionais consultados pela Comissão do Plano da Cidade, principalmente pelo abalizado urbanista Prestes Maia, atual prefeito de São Paulo, que em seu relatório fri-

ESTUDO COMPARATIVO

A essa circunstância, pode-se atribuir a felicidade de possuir a nossa cidade um centro nitidamente caracterizado, servido por um grupo suficiente de vias radiais de bom traçado. É o que nos indica o esquema teórico de viação de São Paulo. Comparando com os esquemas de Moscou, Berlim e Paris, tirados dos

notáveis trabalhos de Hénard, ressalta imediatamente o enorme partido que poderemos tirar das nossas condições atuais. Dir-nos-ão que os exemplos apontados se referem às cidades antigas que têm tais traçados porque já os não podem refazer em outros moldes. A isso responderemos com exemplo de cidades ameri-

Não há motorista no Recife que não reclame dos constantes engarrafamentos, atropelos e falta de espaço para uma melhor circulação. Reclama-se das ruas estreitas, mal traçadas, curvas, além de esburacadas. Sente-se falta de grandes avenidas ligando os bairros e de melhores obras de engenharia que facilitem a fluidez do tráfego.

Teria o Recife crescido sem nenhuma planificação, sem qualquer orientação urbanística? Uma orientação que aten-

O trabalho sob o título "Sugestões para Orientação do Estudo de um Plano Geral de Remodelação e Expansão da Cidade do Recife", publicado pela revista "Arquivos" da PMR, no mesmo ano que foi elaborado. Na introdução, chama a atenção para a necessidade de uma real planificação urbanística da cidade, salientando: "Eis por que aconselho a cidade do Recife a procurar obter somente, no momento, um

esquema do seu futuro sistema mestre de viação, abrangendo a remodelação que for indispensável do núcleo urbano existente e sua expansão. Esse esquema, que deverá ser necessariamente elástico o quanto possível e capaz de se adaptar a circunstâncias novas ou alterações profundas das existentes, servirá de enquadramento a todos os futuros projetos e regulamentações urbanas, guiando-os sem

canas, sobrepondo entre elas S. Luís e Chicago. A primeira apresenta alguma analogia com cidades européias; a segunda é nitidamente americana, com o seu clássico xadrez. As duas foram objeto de grandes estudos de remodelação. E a que conduziram tais estudos? Na primeira, S. Luís, a conservação e acentuação do caráter que já possui, isto é, um centro, grandes linhas, irradiação desde o centro e as avenidas anulares normais às irradiantes; na segunda, Chicago, não se recuou diante da obra imensa de criar também um centro e de rasgar, na massa dos quarteirões em xadrez, grandes linhas radiais e as anulares correspondentes.

Exemplo frisante também nos é dado por Filadélfia, onde proposto pela Comprehensive Plans Commission um Traffic Circuit, compreendendo a construção de uma larga avenida quadrangular envolvendo o principal distrito comercial, projeto esse em que se vê terem sido seguidos os princípios enunciados por Hénard em seus Estudos sur Les Transformations de Paris.

Acrescente-se aos exemplos citados o que nos diz Stubben e ver-se-á claramente ser esse um princípio básico e incontestado de urbanismo. A parte mais delicada do plano de conjunto é naturalmente o centro, o cubo da roda cujos raios serão as avenidas radiantes. Qual a maneira de encarar essa parte do problema? É o que nos ensina Hénard na síntese admirável que fez do plano das grandes capitais européias, mostrando claramente a existência e o papel importantíssimo representado pelos perímetros de irradiação: "Da comparação desses três planos — Berlim, Londres, Moscou — cada qual com sua fisionomia bem especial, é possível agora fazer ressaltar uma nova noção. Mau grado as consideráveis diferenças de forma e disposição interior, nota-se este traço que lhes é comum; todas as vias de expansão e penetração convergem bem para o núcleo, mas não todas para o mesmo ponto, nem para o mesmo

monumento. Todas essas vias, ao contrário, se ligam a uma espécie de circuito comum ou coletor, que nós propomos chamar de perímetro de irradiação e que é traçado a certa distância do centro matemático da cidade. Este perímetro representa um grande regulador da circulação convergente que gira a um inextricável caos, se as vias corressem à mesma praça. É ele que regula as correntes afluentes e que as distribui, guia, com auxílio das pequenas ruas secundárias, até o edifício ou a casa que é o ponto de movimento individual de cada elemento da circulação. Para que o perímetro de irradiação seja eficaz, é mister não que ele compreenda em um núcleo muito grande, todos os edifícios principais, todos os pontos de atração da cidade, mas antes que passe através do centro irregular desses edifícios, deixando-os ora de um lado, ora de outro do seu percurso secundário.

A primeira parte do problema consistiu, portanto, para São Paulo, em criar no centro da cidade uma grande avenida circular capaz de preencher as condições enunciadas por Hénard.

É o que se procurou com o projeto topográfico que acompanha a presente nota. As condições do aanel e seu traçado foram impostas, de-se dizer, pelas condições topográficas da cidade, que não permitem grande liberdade de concepção. Nenhum monumento será construído, antes, tudo que a cidade possui de relevante, será realçado pela nova Avenida. É de notar que, em seu conjunto, ela não é diferente que a coordenação de trechos de ruas já existentes em quase três quartas partes de seu curso e necessitando somente de alguns retoques convincentes".

Este primitivo esboço foi adaptado e elaborado pelo atual prefeito de São Paulo, Prestes Maia, e já está praticamente realçado.

O PROBLEMA DO RECIFE

A solução para o caso do Recife oferece dificuldades topográficas semelhantes às que foram encontradas em São Paulo. Lá as dificuldades provieram, principalmente, de três vales bastante profundos, que obrigaram a construção de três viadutos. Aqui as dificuldades provêm da confluência dos rios Capibaribe e Beberibe na baía de Santo Amaro. A feição particular que ressalta dessa confluência é a desarticulação dos três bairros principais da cidade, Santo Amaro, Recife e Boa Vista. Essa desarticulação, que impressiona, leva a cogitar-se de um meio de corrigi-la. Esse meio é sugerido natural e automaticamente pelo aspecto que oferece a baía de Santo Amaro, em margem-baixa. Foi o que se deu comigo e, vejo agora, pelo testemunho do dr. Mário Melo, deu-se também com o engenheiro José Antônio Pernambuco. Os desenhos mostram, mais claramente que qualquer descrição, como tentei concretizar a impressão recebida. O traçado da nova confluência obedeceu ao critério de acompanhar naturalmente as duas correntes fluviais tanto no refluxo da maré como no fluxo. No Capibaribe, resultou uma margem concava de curva bastante acentuada, que ficará sujeita a erosões, obrigando a protegê-la por meio de cais. É evidente que o traçado, simplesmente esboçado, precisará de ser revisado e fixado em definitivo por um técnico em hidráulica fluvial. Apesar de o assoreamento

da baía estar muito adiantado e praticamente esgotada sua capacidade de receber a água sólida dos dois rios, o aterro da área a ser conquistada exigirá volume bastante considerável. Sei que os aterros aqui são caros e os materiais necessários difíceis de encontrar, mas também que a cidade nunca recuou diante deles, pois foi assim que se construiu, e é a mesma uma das feições mais salientes da paisagem de seus habitantes. No momento em que fazem-se aterros consideráveis em vários pontos. Essas constatações me bastam para pensar na exequibilidade da sugestão da nova confluência, partindo de um aterro para a Praça da República, na extremidade Norte do bairro de Santo Amaro e outra para a Praça Tiradentes, no bairro de Boa Vista, ângulo das duas pontes, e integrando o mesmo conjunto arquitetônico, poder-se-ia erguer o monumento máximo da cidade, o monumento de seu maior orgulho e nobreza — o monumento comemorativo da vitória contra o Brasil antigo, a vitória que garantiu a unidade nacional. Caso isto seja feito, o Recife terá uma concepção arquitetônica extremamente original de Prestes Maia, quando organizou o projeto da nova Ponte Grande em São Paulo, mas que, infelizmente, como prefeito, não pôde materializar.

Vencida a primeira etapa, a mais difícil foi esboçar uma tentativa ou ensaio

desse rápido

Alguns específicos dos municípios diretores em 1943.

sujeitá-lo determinando

E acrescido um plano cotejado estabelecido Não. O coimada paz de ser

le do futuro

das da modernidade e do progresso? Da da indústria automobilística?

reforma urbanística da cidade existiram. m preparados por comissões formadas es- ra o estudo do problema. Entretanto, um os é o do engenheiro João Ulhôa Cintra, da Prefeitura de São Paulo, realizado em a solicitação do então prefeito do Recife.

rigidas pre- e não destinada a alimento de traças dos arquivos".
Antes de fazer a exposição propriamente dita do Plano, Ulhôa Cintra faz, ainda, apreciações sobre a importância do Porto para a planificação urbana da cidade.
As "Sugestões para orientação do estudo de um plano geral de remodelação e expansão da cidade do Recife", são as seguintes:

metro através dos bairros de Santo Antônio e do Recife, o que foi obtido sem sacrifício de nenhum dos projetos da Prefeitura, em momento, de nenhum edifício de alto preço que é mais importante, ao mesmo passo respeitou escrupulosamente todos os monumentos históricos ao longo de seu percurso, e irá realçá-los.

No traçado definitivo deverá ser dedicada especial atenção à Igreja de São Pedro dos Clérigos. Atualmente está ela enquadrada por

NOVA ESTAÇÃO CENTRAL

assunto que já foi abordado nos projetos anteriores e debatidas as soluções propostas. O ponto de vista de Presmaia, dando preferência ao ponto defendido pelo engenheiro Brandão Cavalcanti, nas Cinco Pontas. As razões dessa preferência foram amplamente expostas em seu relatório. O que somente destacar uma: "A avenida Coronel Suassuna, projetada por Nestor, que corta ao pleno coração de Santo Antônio".

BAIRROS DE S^{TO} ANTONIO E S. JOSÉ

O conjunto Perímetro de Irradiação e Avenida Coronel Suassuna constituem a indicação de uma intervenção de cirurgia inevitável e máxima, aconselhável para os bairros de Santo Antônio e José. Inevitável sob o prisma do sistema urbano central; máxima quanto ao escopo prometido de remodelação e saneamento. Os aspectos estão, entretanto, de tal modo relacionados que o primeiro quase que já resolve o segundo — eis que são grandes rasgos de sol e ventilação, mesmo no âmbito do denso núcleo dos dois bairros. Isso permite indicar para as partes restantes tratamento cirúrgico, isto é, mais discreto, simples cirurgia plástica, e assim dizer, que se limite e cure as feições e as chagas causadas pelo tempo, respeitando-lhes a feição própria tão característica e tão comovedoramente tradicional.

Uma inspeção superficial dos bairros velhos da cidade, degradados pelo tempo e pelo desenvolvimento mais feliz de bairros vizinhos, conduz à idéia de arrasamento e reconstrução. A grande urbanista inglesa, Barry Parker, estudou caso semelhante na cidade do Porto e expendeu a respeito considerações que se aplicam ao caso dos dois bairros e também ao Recife. (Segue-se trecho em inglês)

Setor Ferroviário

Em íntima conexão com o porto, com a Estação Central e bairros industriais, o traçado de aproximação das estradas de ferro. A unificação das estradas Sul e Central e Estação de Areias foi muito feliz, pois criou o único tronco de penetração radial até o porto e a nova Estação Central. Já a unificação da linha Norte e a eliminação projetada do trecho entre a cidade e Macacos é passível de alguma reserva. É que, adotada tal solução definitiva, o desenvolvimento industrial ficará inteiramente a ela condicionada, e com reduzida possibilidade de desenvolvimento em todo o quadrante Noroeste, inclusive nas proximidades do setor Norte do porto, que é de maior importância no projeto do dr. Moraes Rego. Sim, porque a atual situação do porto em relação à linha tronco acima referida,

um pátio encantador, fechado, que destaca e realça a magnífica arquitetura de sua fachada. A sensação de equilíbrio e proporção que impressiona o espectador poderá ser conservada desde que não se alarguem as duas vielas laterais e não se permitam, nas reconstruções, alturas superiores a dois pavimentos. Convirá mesmo rigorosamente calcado no estilo tradicional do Recife. Será possível assim traçar essa parte de perímetro de irradiação sem tirar ao Pátio de São Pedro dos Clérigos o seu encanto atual.

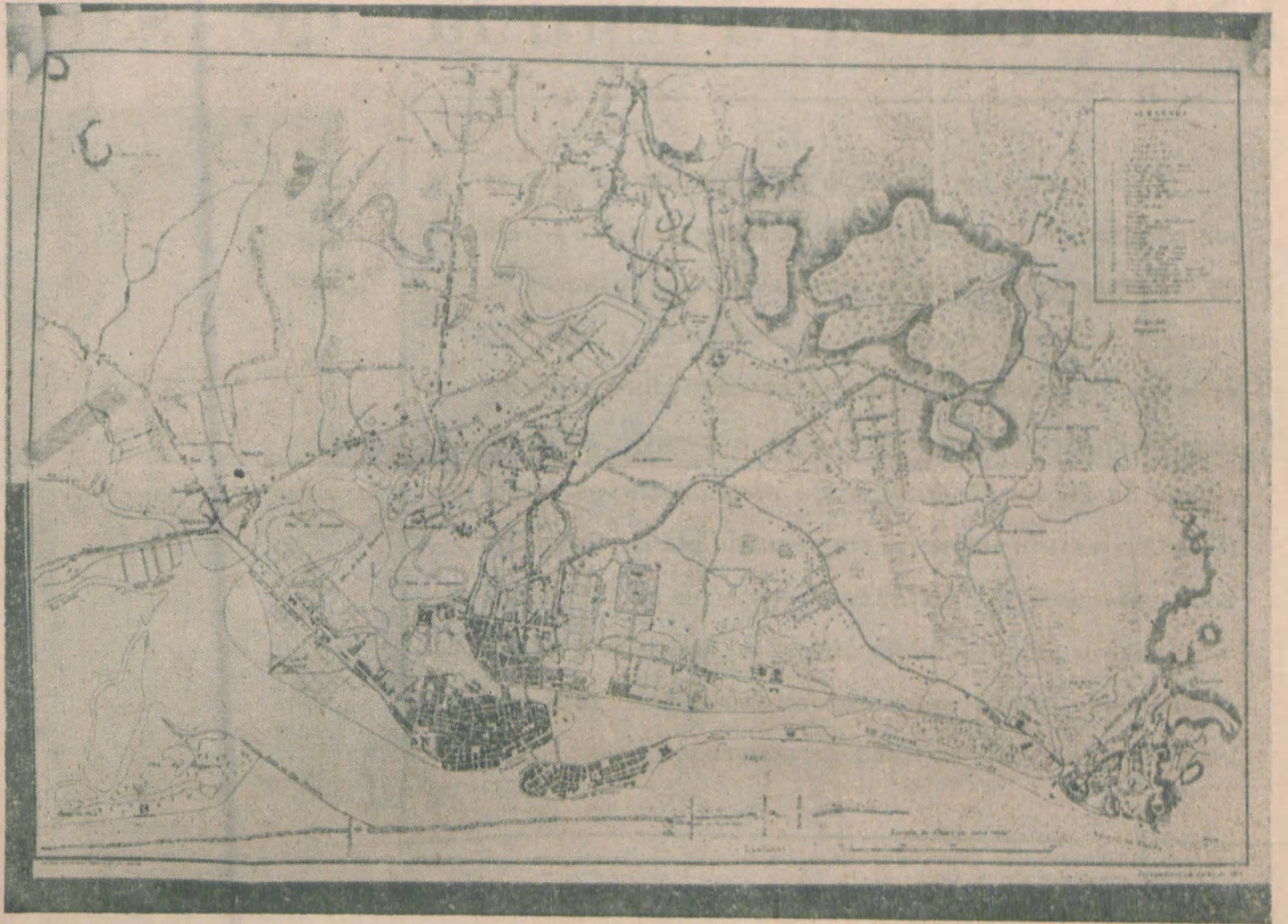
Essa avenida, já lembrada por Domingos Ferreira, irá entroncar-se com o perímetro de irradiação na Praça do Carmo, depois de cortar, com 50m de largura, o bairro de S. José e o de Santo Antônio. A implantação da nova Estação Central de Cinco Pontas, mesmo no eixo dessa magnífica artéria radial, parece-me que afastará as dúvidas e se imporá naturalmente.

Percorri demoradamente os bairros velhos e me convenci da justeza dos conselhos daquele urbanista de coração. Ao lado de chagas, sem dúvida, depararam-se-me inúmeras visões arquitetônicas isoladas e de conjunto, de uma arquitetura simples e honesta que a evolução modernista raramente consegue superar. Enfim, muito mais coisa de conservar que de destruir.

Aconselho dentro de tais normas que a Comissão do Plano oriente um estudo de revisão de todos os projetos de alargamento de ruas, em andamento, nesses bairros. Tenho a impressão que muitos poderão ser abandonados e outros empreendidos, mas sem preocupações geométricas que só enxergam linhas retas e paralelas. Sem tais preocupações, será sempre possível conservar e realçar em muitos aspectos característicos e tradicionais sem sacrifício, é claro, das necessidades de saneamento e modernização. Que tudo se faça sem afobamentos e sem antecipações desnecessárias. Aqui será útil um "survey" visando-se principalmente a verificar o estado sanitário dos prédios, conduzido paulatinamente, de setor a setor, a começar por aqueles que a simples inspeção indique estarem mais degradados.

ligados os setores Sul e Norte somente através da ponte giratória constitui, quer nos parecer, solução provisória compatível com seu movimento atual, mas evidentemente insuficiente, quanto ao seu completo desenvolvimento.

Julgo que é de recomendar um estudo mais aprofundado desse aspecto do problema. Como simples sugestão, lembrarei que talvez seja viável o traçado de uma linha auxiliar que, partindo da Estação de Areias, siga em demanda da estação do Arraial, na linha Norte — cortando o Capibaribe entre Monteiro e Apipucos — e continuando ajustada aos fundos dos vales até Peixinhos e daí em traçado de aproximação radial, procurando a face Oeste da bacia de Beberibe, do projeto do dr. Moraes Rego e, utilizando-se ainda da ponte atual, ao Norte da bacia de Santo Amaro, entronque-se afinal na



rede de distribuição e triagem da secção do porto do bairro do Recife. Esta linha descreverá, em torno da cidade, um arco de círculo de 6km, em média, a uma distância, portanto, em que o problema das passagens de nível já fica muito atenuado, distância também até onde a cidade se poderá desenvolver normalmente, sem apelar para sistemas de transporte coletivo especiais, elevados ou metropolitanos, isto é, utilizando-se somente de "trams" e "auto-ônibus". Isto já cobre uma larga previsão de tempo, quicá o tempo de um plano geral. Uma tal linha, além de permitir o estabelecimento de núcleos industriais secundários e pequenas estações ao longo de seu percurso, tornará possível a implantação de uma zona industrial ao Norte, talvez entre Peixinhos e o porto, fazendo "pendant" com a zona industrial já prevista ao Sul, entre Afogados e Areias. Atrevo-me a pensar que a execução da linha sugerida ou outra que, respeitando somente a idéia, melhor se adapte às condições locais, permitirá uma coordenação

perfeita entre as duas secções do porto, a rede ferroviária e as zonas industriais e de habitações populares delas tributárias. Convém acentuar que a atual linha de ligação entre as três estradas contorna a cidade a uma distância média de 13km, o que é excessivo para os resultados que poderão ser obtidos da linha auxiliar proposta.

Encerrando esta ligeira nota sobre o problema ferroviário, devo acentuar que o pleno desenvolvimento do projeto do dr. Moraes Rego exigirá das estradas de ferro a previsão de amplos pátios de triagem, um ao Sul e outro ao Norte.

Finalmente, tendo em vista sempre a necessária elasticidade, se eventualmente o projeto do dr. Moraes Rego vier a sofrer alterações substanciais, a linha auxiliar proposta é sempre útil como fator de distribuição equilibrada das zonas industriais e populares em torno do atual núcleo urbano.

RADIAIS E PERIMETRAIS PRINCIPAIS

Grande número de radiais convergem dos diferentes setores para o centro da cidade ou dele se aproximam bastante, dividindo-se pelas ruas mais próximas antes de atingi-lo. Impõe-se um estudo cuidadoso de todas elas, de maneira a destacar somente algumas que apresentam características que as imponham como elementos estruturais do esquema. Foi o que procurei fazer em primeiro ensaio, como simples exemplo de método, estudo a ser desenvolvido pela Comissão do Plano. No setor Noroeste, indico uma primeira radial, que partindo da praça prevista na confluência dos dois rios, se liga primeiramente a outra grande praça na face Sul da bacia portuária do Beberibe. Nessa praça, ela esgalha-se: um ramo vai diretamente a Olinda; outro, tratado como avenida-parque, vai a Campo Grande e além; e, finalmente, um terceiro segue o leito da Estrada Norte.

Uma segunda radial parte do mesmo ponto que a anterior e, seguindo a direção Noroeste, vai até uma praça na altura da Igreja da Conceição onde, esgalhando-se por sua vez, lança ramos para Encruzilhada, Espinheiro, Afritos e Torre. Entre seu ponto-de-partida e a Praça junto à Igreja da Conceição, convém que essa radial seja fortemente acentuada (60km de

largura?), pois constitui tronco de grande importância futura.

Uma terceira radial parte do Perímetro, trecho da rua da Florentina e, seguindo pela Ponte Duarte Coelho e rua Conde da Boa Vista, vai até uma praça de distribuição na altura de Soledade. Aí ela se esgalhará por sua vez, lançando ramos para Capunga, Derbi, e, pela ponte da Madalena, uma principal que vai entroncar-se com a avenida Caxangá. O tronco entre o Perímetro e a Praça junto à Soledade, sendo complemento necessário e já previsto nas grandes obras empreendidas pela Prefeitura, a partir da Praça da Independência, merece ser fortemente acentuado (27km de largura?).

Uma quarta radial é constituída pelas avenidas marginais ao Capibaribe, tratadas como avenidas-parques, formando o conjunto, avenida e rio, uma cunha verde de penetração.

Finalmente, uma quinta radial parte do Perímetro, na Praça do Carmo e pela avenida Coronel Suassuna (50km de largura), vai até a Praça da Estação Central, donde segue pela sua Imperial duplicada por avenida paralela implantada no leito atual da Estrada Sul, sendo esta última ligeiramente desviada para o lado do Caia do Porto.

PERIMETRAIS

O Perímetro de Irradiação coleta e distribui o tráfego no núcleo de bairros centrais. A ligação direta, independente do centro, dos demais bairros feita por três perimetrais.

Para a primeira, que será de fato a Perimetral de primeira ordem, aproveitei o traçado muito feliz do canal de saneamento, ora em construção, traçado que, pode-se dizer, veio mesmo a cair para o lançamento de uma perimetral. Todos os projetos anteriores também tiraram partido desse traçado, acentuando-se alguns como avenida-parque ou como sistema de parque (Nestor de Figueiredo). Conservei essa orientação comum, mas procurei acentuar mais ao vivo seu caráter de Perímetro de primeira ordem.

Situada a uma distância média de 2,5km do centro — Praça da Independência — ela será de fato um futuro complemento do Perímetro de Irradiação, quando a cidade atingir e exceder a casa do milhão de habitantes. Aconselho que se lhe dê largura mínima de 100m, sem contar diversos parques escalados

ao longo do seu percurso. A largura de 100m permite secções com faixas de rolamento de trânsito rápido e lento nos dois sentidos, além de faixas verdes. Será uma réplica, no Recife, da Avenida General Paz, construída recentemente em Buenos Aires, réplica, entretanto, mais feliz quanto a seu entrosamento na rede de viação urbana.

Uma Perimetral de segunda ordem é naturalmente sugerida pelo exame da planta da cidade, passando por Afogados, Estrada dos Remédios, Avenida 4 de Outubro, Encruzilhada, Estrada de Belém, entroncando-se, afinal na Avenida de Olinda.

Finalmente, uma última perimetral que será a Perimetral de Cintura é prevista ao longo da linha férrea auxiliar, a uma distância variada entre 5 a 8km da Praça da Independência. Servirá de ligação entre futuros bairros industriais e populares e poderá ser tratada como avenida-parque em alguns trechos de seu percurso. Indico ainda no esquema o traçado de algumas diagonais e ligações secundárias.

ONU busca fórmula de salvar o planeta

O controle da natalidade, o planejamento familiar, os anticoncepcionais e campanhas de esclarecimento — eis os recursos habitualmente anunciados como capazes de evitar o desabrochar de uma imensa favela global. No entanto, durante a Conferência Mundial de População, realizada há alguns meses atrás em Bucareste, aprazível cidade da Europa Central, todos esses recursos foram ficando irremediavelmente em segundo plano. Reunidos sob o patrocínio da ONU, os representantes de 131 países — a maioria constituída por africanos, asiáticos e latino-americanos — resolveram aproveitar a ocasião para uma incongruente e áspera troca de acusações.

Há gente demais na Terra

Os estudiosos mais pessimistas dos problemas demográficos deixam entrever que já é tarde demais para salvar os habitantes do planeta Terra. Uma hipótese menos dramática, porém, assegura que nem tudo está perdido, pois os estadistas do presente não de acordar a tempo para as necessárias providências. Nunca, contudo, procedendo como o delegado do reino de Lesotho, na África, que rejeita categoricamente qualquer fórmula de limitação da natalidade.

A ONU saudou o encontro de Bucareste de maneira entusiástica, salientando em alta voz as suas evidentes boas intenções. Mas esse animador estado de espírito parece ter durado apenas os 30 minutos do discurso de abertura, do Secretário Geral da Organização, Kurt Waldheim, pronunciado no majestoso auditório do Palácio da República de Bucareste.

Nas suas exaustivas pesquisas preliminares, em que se ouviram nada menos de 150 países, o Plano de Ação Demográfico Mundial — definido por uma de nossas fontes, o jornalista Carlos Struww, como sendo "um suculeto refogado de sugestões teóricas, conselhos práticos e advertências aparentemente capazes de exorcizar, num prazão máximo de dez anos, o fantasma aterrador de um mundo super-povoado e faminto" — tomou todas as medidas indispensáveis para uma concreta e razoável abordagem do problema. O plano não se esqueceu sequer de remotas e curiosas comunidades humanas, como é o caso dos samoanos e dos lapões.

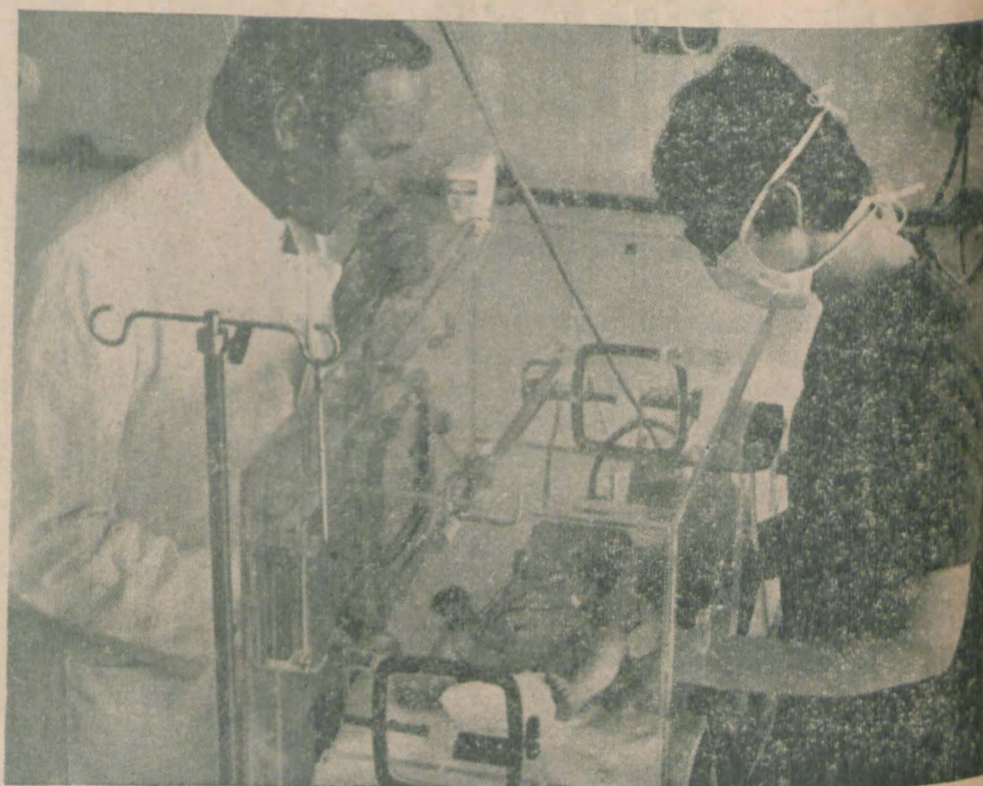
Viver ou morrer

"Os próximos 30 ou 35 anos serão os mais difíceis e desafiadores de toda a história da humanidade", afirmou Waldheim, num misto de pessimismo e de advertência para logo em seguida assistir a uma mútua troca de divergências entre os numerosos delegados oficiais presentes à reunião.

Na realidade, somente os Estados Unidos e os países altamente industrializados da Europa Ocidental foram efetivamente a favor de uma política de controle da natalidade. Curiosamente, o partido oposto alinhava o Vaticano e a China



Controle da natalidade, um problema universal



As crianças de hoje, os homens atormentados do amanhã

Continental, o Brasil e a União Soviética, o Egito e Israel. E, no decorrer dos dinâmicos e desencontrados pareceres, os dois grupos chegaram inclusive a ser batizados: "apocalípticos" e "desenvolvimentistas", respectivamente.

As nuvens como salvação

O grupo dito "desenvolvimentista" encontrou em Juan Carlos Beltramino, chefe da delegação argentina, o seu mais empolgado e radical porta-voz. Para ele, mais significativo do que suprimir o nascimento de futuros seres humanos é evitar as injustiças básicas que os condenam ao sofrimento desde o momento em que são postos no mundo.

Do lado do grupo dito "apocalíptico", os delegados norteamericanos descreveram sombriamente o panorama do mundo do amanhã. Lester Brown, um especialista do Conselho de Desenvolvimento dos Estados Unidos, fulminou o auditório com a previsão de uma carência de alimentos tão impressionante que, "dentro de alguns anos, os Governos já serão obrigados a lutar militarmente pelas nuvens que possam fornecer chuvas artificiais e irrigar as remanescentes culturas agrícolas".

Fontes destruídas

Não deixa de haver um certo exagero em semelhante afirmação. Mas ninguém pode negar que os norteamericanos estão sinceramente inquietos e temerosos diante da destruição das fontes de energia, dos recursos minerais e das reservas naturais, fenômeno que, conjugado aos alarmantes índices de crescimento demográfico, assume dimensões excepcionalmente lastimáveis.

Um delegado britânico, referindo-se à superpopulação como sendo "uma doença crônica", enumerou os vários sintomas pelos quais ela se manifesta: o crescimento urbano descontrolado, o desemprego e o subemprego, as oscilações imigratórias, a poluição ambiental e o esgotamento dos terrenos agrícolas.

Caso o dinheiro fosse entendido como um símbolo das relações que existem entre população e recursos, conforme sugestão do economista William Russell, até mesmo o famigerado fenômeno da inflação poderia ser reduzido a mais um sintoma de desequilíbrio demográfico.

Como harmonizar os opostos

Comprimido entre os exageros de ambos os lados, o mexicano Antônio Carrillo-Flores, secretário geral da conferência, procurava conciliar satisfatoriamente as duas tendências que se manifestaram ao longo dos debates. Ele afirmou que "não existe um choque entre os que dão prioridade a uma política de controle demográfico e aqueles que defendem o desenvolvimento sócio-econômico". Ao tornar mais cristalino o seu esclarecimento, chegou a ser otimista: "Posso mesmo dizer que se está criando um consenso dos pontos de vista. E como perguntar se o homem deve ingerir só elementos líquidos ou apenas sólidos. Ele precisa dos dois. Sem o desenvolvimento, é inevitável que os problemas demográficos não têm solução".

Onde a Cidade Ideal?

Na Conferência Mundial de População os problemas das cidades contemporâneas foram esmiuçados, à procura de uma solução para as grandes doenças sociais provocadas pela superpopulação e pela urbanização. O extraordinário número de habitantes de certos centros urbanos (Tóquio terá, por volta de 1985, nada menos que 25 milhões de habitantes) constitui um autêntico disparate quando comparado com as proposições de Platão, determinando o tamanho ideal de uma comunidade urbana em torno de 5040 pessoas, provavelmente o número exato de pessoas que se poderia reunir sem atropelos na praça do mercado de Atenas. Em consideração posterior, Aristóteles dizia que os homens buscam as cidades para poder viver, mas ficam para viver uma vida boa.

No fim deste século o equilíbrio populacional estará totalmente alterado. Com uma população avaliada em 6 ou 7 bilhões para acomodar, a Terra possuirá vastidões quase desérticas, enquanto aglomerados urbanos gigantescos estão surgindo na Índia, na Indonésia, na Argentina, no Brasil. Concomitantemente, prevê-se a queda da porcentagem de moradores rurais, em um terço.

Segundo Konrad Lorenz, os indícios de que a vida nas grandes cidades provoca um embotamento nas faculdades mais nobres dos homens, paradoxalmente inclinados a sucumbir diante do que poderia ser genericamente chamado como progresso, são por demais evidentes e corriqueiros. Os americanos chegaram mesmo a formular uma espécie de princípio para suportar o atordoante way of life metropolitano. Para os americanos, o importante nos tempos atuais é não se envolver emocionalmente. Ou seja, isolar-se cada vez mais,

evitando qualquer contato mais íntimo com a comunidade, a não ser um círculo restrito de pessoas.

O cerco dos pobres

Por outro lado, os países ricos alimentam temor diante da possibilidade de, num futuro bastante próximo, se verem cercados por milhões de favelas. Sem dúvida alguma, seria desesperador. Tal perspectiva, no entanto, não impede o Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, Earl Butz, de afirmar que o seu país não tem obrigação de alimentar todos os esfomeados do mundo. Existe, enfim, o problema da demanda interna, cujo mecanismo cairia por terra caso os norteamericanos continuassem acionando suas potencialidades como "celiro do mundo" (expressão utilizada por Butz).

A Desnutrição

Mas está devidamente comprovado que, em consequência de diversos e variados fatores, notadamente a baixa renda per capita, uma já notória e imensa maioria dos povos subdesenvolvidos vive em estado de subnutrição, enquanto uma outra parte recebe quota alimentar deveras deficiente.

Ive Lacoste assegura que "a fome é sem dúvida tão vil quanto o gênero humano, mas a sua descoberta, seu reconhecimento oficial no fim da guerra foram consequências profundas transformações políticas".

"A explosão demográfica poderá ser considerada como um problema um drama ou um desafio?", indaga, numa excelente pesquisa, uma equipe do Instituto de Nutrição da UFPE, a frente o professor Alvaro Vieira de Mello. Retomando um tema às vezes esquecido, os pesquisadores retornam a uma antiga e sempre atual advertência; a de Malthus, para quem o crescimento populacional é concebido numa escala geométrica, enquanto a produção alimentar segue uma progressão aritmética.

Eles afirmam que a contribuição da tecnologia alimentar na nutrição humana "é de suma importância, uma vez que tem por objetivo o aproveitamento e a conservação dos recursos alimentares disponíveis, elaboração de novos alimentos de comprovado valor nutritivo, concorrendo, portanto, para a melhoria do estado nutricional e o desenvolvimento econômico dos povos".



Leigos insistem e Banco de Olhos já tem seus Estatutos



O Reitor ratifica o apoio da UFPE ao Banco de Olhos



O dr. Oleno expressa seu entusiasmo em prol da assistência aos deficientes da visão

Movido pelo espírito de solidariedade humana, um grupo de leigos, à frente o presidente do Lions Clube Parnamirim, dr. Oleno Vieira Ramos, vem encetando intensa campanha para instalação do 1.º Banco de Olhos do Nordeste, nos moldes dos modernos centros oftalmológicos de outros países.

Os primeiros passos já foram dados, com a assinatura de convênio entre o Lions Clube Parnamirim e a Universidade Federal de Pernambuco, através do qual esta instituição cedeu dependências do seu Centro Oftalmológico, no Hospital das Clínicas (Pedro II), para instalação do Banco de Olhos, que se destina à pesquisa e à assistência à população nordestina portadora de deficiências da visão, principalmente problemas de córnea.

CERIMÔNIA

Com a participação de altas autoridades, civis, militares, governamentais e representativas do Lions e Rotary, foi realizada a cerimônia de aprovação dos estatutos e composição da primeira diretoria do Banco de Olhos Lions Parnamirim, no salão nobre da Reitoria, este mês, sob a

presidência do Reitor Marcionilo de Barros Lins.

O primeiro orador da solenidade foi o dr. Oleno Vieira que iniciou o seu pronunciamento lembrando: "Plutarco já dizia que "mais glorioso do que vencer, é usar com moderação a vitória". Hoje, evidentemente, é um grande dia para nós, pois estamos comemorando, com moderação, mais esta vitória na marcha célere para a instalação do Banco de Olhos Lions Parnamirim".

PORTAS ABERTAS

Depois de outras considerações, o orador sublinhou: "Compreendendo a importância e necessidade da nossa luta em benefício da preservação da vista, não hesitou o Magnífico Reitor em nos abrir as portas da Universidade, permitindo, assim, que dentro de breve espaço de tempo, já possamos assistir à inauguração do Banco de Olhos, que estará funcionando no Centro Oftalmológico do Hospital das Clínicas (antigo Hospital Pedro-II), pioneira iniciativa que trará incomensuráveis benefícios à nossa comunidade".

— Para o Nordeste — acredita

dr. Oleno — o Banco de Olhos afigura-se como entidade das mais representativas para a adoção de medidas concretas, objetivando a que o homem nordestino não fique à margem das conquistas universais da ciência e, ao mesmo tempo, possa ser contemplado com os incomensuráveis benefícios advindos dessas conquistas, que o tornarão mais confiante em si mesmo e no futuro promissor das novas gerações de brasileiros que passarão a usufruir, com mais intensidade, das grandes inovações com que nos defrontamos em todas as ramificações do conhecimento humano".

Para o orador, o cego não pode mais ser visto como um ser alienado do processo visual e uma instituição que cuide da restauração da visão, através de transplantes ou enxertos, haverá de realizar o milagre que a mais moderna tecnologia médica põe à nossa disposição: "restabelecer a luz naqueles olhos que vivem nas trevas".

CONTRIBUIÇÃO

Lembrou o orador vários nomes que contribuíram e ainda o fazem — na luta pela criação do Banco de Olhos,

figurando, entre outros, o general Carlos Alberto Cabral Ribeiro, ex-comandante da 7.ª Região Militar e atualmente sub-chefe das Forças Armadas, em Brasília.

Outros oradores se fizeram ouvir: dr. Elias Alfredo Vieira, diretor jurídico do Banco; prof. Emir D'Albuquerque Maranhão — governador do Lions (Distrito L-14); jornalista Albuquerque Pereira, representando o presidente do Banco; e o Reitor Marcionilo Lins, que ratificou todo o apoio dispensado pela UFPE para instalação e funcionamento do Banco de Olhos.

Grande número de autoridades participou da solenidade destacando-se os representantes das três Armas; governadores do Rotary e Lions, integrantes destes dois clubes de serviço, de toda a Área Metropolitana do Recife; presidentes da Associação Comercial, Federação das Indústrias, da Associação de Imprensa de Pernambuco e do Clube de Diretores Lojistas do Recife; reitor e vice-reitor da Universidade Rural; diretor da Faculdade de Medicina da UFPE, prof. Arthur Goutinho; Pró-Reitores e outras pessoas especialmente convidadas.

Lucila Nogueira e suas visões obstinadas



Nascida em Botafogo, no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1950, filha de português e neta de espanhóis, LUCILA NOGUEIRA formou-se em Direito, em 1972, pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente fazendo o Mestrado dessa Ciência, foi aprovada, no ano passado, no Concurso de Promotores Públicos, sendo um dos mais jovens candidatos que concorreram a este cargo no Estado.

LUCILA NOGUEIRA dedica-se desde os treze anos à Poesia, atividade que mais absorve sua vida, a ponto de estar disponível a escrever, a qualquer momento: quando solicitada por si mesma, quando solicitada pelos outros, na reflexão ou no improviso. Sua poesia é — coisa rara entre as mulheres, e não menos rara

entre os homens — fundamente marcada por um sentido metafísico. LUCILA NOGUEIRA, que adota, quase sempre, como estrutura versificatória, o dístico, algumas vezes metrificadas, ainda que inconscientemente, demonstra, em sua poesia, uma compreensão secreta do mistério da duplicidade das coisas, na combinação de palavras de índole ativa e passiva, procedimento poético certamente alusivo aos princípios negativo e positivo que existem na natureza. Os demais aspectos de sua poesia são, também, merecedores de análise. A poetisa, que só agora começa verdadeiramente sua missão, promete muito, por tentar sempre mergulhar mais fundo do que muitos companheiros de seu ofício no mistério poético propriamente dito.

1 — Em que sentido corresponde o Direito, como profissão, à sua ordem de exigências?

— Na medida em que habita o homem a ânsia de Justiça, firma-se o Direito como a profissão que oferece os meios de ação para todo aquele que faz dessa idéia o valor fundamental na convivência humana. Não há outro sentido.

2 — Você vê alguma ligação no fato de ter passado num recente concurso para promotores públicos, com apenas 24 anos, e a ascensão da mulher no mundo moderno?

— A minha aprovação no concurso para a Promotoria pública se liga exclusivamente à minha inscrição, preparação e consequente submissão aos exames realizados, sendo-me atribuída nota suficiente. A minha idade não ultrapassou, ainda, o limite máximo permitido para o ingresso na função pública.

3 — Em que termos você encara os movimentos feministas da atualidade? E, já que é advogada, tem algo de novo a propor em torno dos célebres direitos femininos?

— A inconsciência gera quando não tragédias, comédias, que se empilham, sem cor, no meio do caminho. Época em que as mulheres não votavam, não trabalhavam em serviços que não fossem caseiros e se constituíam, de fato, num objeto reprodutor, tanto na mente de seus venerandos maridos como na delas próprias. No nosso século, homens e mulheres esbarram nas universidades, no comércio, na indústria, nas repartições públicas, nos vários setores da vida artística. Há um documento de validade internacional que garante às pessoas os direitos intrínsecos de sua própria condição, cujo texto é incorporado às constituições dos países, no qual, em nenhum artigo, se exclui a mulher da noção de ser humano. Daí porque a comédia, quando se ouve falar em "direitos femininos" batalhado em movimentos que só se justificariam se se pretendesse anular a dignidade dos direitos que a mulher conquistou, com lutas verdadeiras, através da História.

4 — Em que lugar você situa a poesia, no reino de suas preocupações?

— A poesia é exatamente o que nunca se me constituiu numa preocupação, mas num reino, adivinhado e consentido, povoado de sonhos, visões obstinadas, carências infinitas e alegrias maiores. A poesia é minha vida.

Apresentamos três poemas que comprovam a força do destino poético da entrevistada.

O TEMPLO

*A paz ardendo rente ao véu incluído
na inconfessado aroma que sufoca
o espaço afugentado e vacilante.*

*A luta desigual na escuraria
mas dentro o encontro grave que devasta
a chama já liberta de contornos.*

*Perplexas imagens salvando
abismos pelo cúlce infinito.*

*Feruz é o milagre nesse templo:
altar que sangra o rito conservado
na fé de um deus sem morte ou recompensa.*

5 — Qual o significado, para você, da palavra no ato poético?

— Costuma-se considerar a palavra como a simples representação de uma idéia. Eu acho que ela, além de expressar, abre uma nova dimensão à própria idéia original. Daí porque não se demonstram os poemas, como teoremas, mas, como lembra Cecília Meireles, deseja-se que sejam amados, se for possível. No ato poético, considerar a palavra como veículo do pensamento do agente é imenso desprestígio, pois ela não para no formal, mas o transcende, na criação de uma realidade nova. A palavra é o caminho, mas a origem; a chegada, mas o impulso para além dela.

RITUAL SACRO-CIGANO

DE LUCILA NOGUEIRA

PARA ANGELO MONTEIRO

*O lamento do violino abriu a noite
e a crença da cigana despertada.
Atraiu o seu olhar de espanto
que se instalou na imagem morena
adentrada, de repente, no seu sono.*

E a sua origem refletiu-se nesse rosto.

*Silêncios trocados libertaram o salto
que recobriu a solidão no tempo.
E os gestos se buscaram, se fundiram
jugindo e retornando, mais acesos
no rito que é sagrado por ser dança.*

*Lágrimas vencidas na cintura velada
pelos lenços coloridos na espera.
Cheiro de incenso no olhar distante
traindo séculos cruzados em vigília.*

*Ritual cigano, no templo sem fronteiras
improvisando altares nas fendas do mistério.
Caindo, levantando, cortando a terra fria
e refazendo céus no trêmulo abraço.*

Adormecerão, em meio à luz que é sina.

E há de seguir a caravana errante.

*Mas qualquer paisagem será suficiente
aos ciganos que no amor acharam o rumo.*

6 — Pode-se fazer uma poesia do absoluto, ainda quando este absoluto esteja cada vez mais se tornando de difícil acesso para os homens?

— O absoluto se realiza mesmo quando dele não há consciência. Há, é verdade, uma tendência, em um certo tipo de pessoas, à aceitação dos limites como paradigma do todo, ao conservadorismo de cemitérios sem fantasmas. É o rebanho, que se arrasta tocado pela voz do conformismo. Mas tudo o que é difícil deve ser revolido; a sede de absoluto é própria do homem exatamente porque o absoluto é difícil. É exatamente porque ele é difícil que pode ser conseguido. Ser é exceder. O absoluto vive no homem e o ilumina quando ele menos espera, quer ao escolher um caminho, quer ao tomar um sorvete. Imagine ao fazer um poema.

DANÇA DO VERDE

(PARA ALBERTO CUNHA MELO)

*A contorção das folhas, retida pelo vento
na música que arrasta a infância adormecida.*

*A chuva obstinada, nos veios ressequidos
a devorar o musgo dos troncos em suplicio.*

*Cristais fluem do arco, pousado sem feridas.
E o verde abre no palco o número perdido.*

*O enredo que há nos ramos, fugidos de raízes
se misturando aos olhos, saudosos do impossível.*

7 — Quais são os autores, prosadores ou poetas, que mais a ajudaram na elaboração do seu modelo poético?

— Eu não tenho um modelo poético. Tenho um estilo de vida que transborda em cada curva do poema. Isso não impede, é claro, que um crítico possa analisar minha poesia, atribuindo-lhe interpretações de forma e sentido. Mas isso é um campo externo. Todo aquele que marcou minha vida, marcou minha poesia. Tais foram Fernando Pessoa, Rilke, Cecília Meireles, Jorge de Lima, como poetas; Nietzsche, Hesse, Camus, Kafka, na literatura. Muito devo, também, à música de Beethoven, Litz, Chopin, à obra de Van Gogh, aos exemplos de Gauguin, Isadora Duncan e Jesus Cristo. Histórias de infância, paisagens pressentidas, estranhas intuições contínuas, tudo isso informa meu mundo, descarrilhando toda a minha poesia.

8 — Você consegue viver sem metafísica, ainda quando tenha que ser pragmática?

— Há uma tendência, por mim até hoje pouco compreensiva, de se separar coisas que, desligadas, perdem seu sentido. Porque tem o homem que ser pragmático com relação a certas esferas é que o homem consegue rompê-las, na busca do metafísico. A metafísica é que fornece a dimensão real do pragmatismo, impedindo que seja considerado contorno último da vida humana.

9 — Em arte, como em filosofia, você se considera realista ou idealista?

— Não se pode aprisionar o homem em categorias de uma mesma essência. Ele é um ser real, animado por suas idéias e sensações. O que achamos na realidade e o que nos sugerem nossas idéias é que geram nossas impressões do mundo. Uma obra artística ou filosófica, por mais que seja carregada de determinadas tendências, faz parte da unidade do mundo, integrando-lhe o sentido. Daí porque não gosto de lidar com arte ou filosofia pensando nas dualidades. Se, entretanto, é necessário classificar-me num desses esquemas, poder-se-ia dizer que eu fosse, talvez, uma encarnação de visões obstinadas, perseguidas de impossível.

10 — É verdade que você quis ser freira duas vezes? Hoje como se mantém sua opinião acerca da mística, no caso desse problema ainda interessá-la?

— Eu passei treze anos estudando num colégio de freiras e era frequentadora incansável da capela, onde me ajoelhava durante horas diante da imagem da Virgem, atenta ao momento em que ela se movesse, como nas histórias que as madres contavam. Era terrível a fascinação que eu tinha pelo mistério do sobrenatural, numa avidez de deuses e milagres. O dormitório das madres era inacessível às alunas; eu imaginava uma porção de coisas fantásticas e queria ser freira, para estar mais perto de tudo isso. Saí do colégio, entrei na faculdade, comecei a trabalhar, somei minhas experiências e construí uma concepção própria de religião e de vida, que se renovava a cada dia. Minha fome excessiva de liberdade e minha extrema curiosidade em viver tudo fazem com que não me seduza a idéia de encerrar-me num convento, embora um impulso forte à contemplação me acene, às vezes, o sonho de experimentar uma vida de monja tibetana. De qualquer maneira, esta última idéia é sempre mais simpática do que a possibilidade de ser atrofada, na sociedade de consumo, por um materialismo que deforma. Hoje eu tenho a minha Divindade, a quem me entrego plena, em qualquer circunstância.

11 — Como você responderia a esta sentença: depois do absurdo, tudo é fé?

— O absurdo nasce do divórcio entre o homem e o mistério de sua vida, que, em face da morte, resta-lhe destituída de sentido. Privado de seu sonho de eternidade, como pode dirigir o seu destino? É aí que vemos o absurdo como condição de fé, como ponto de partida para o eterno, ainda que vivido neste mundo.

CINEMA

Kurosawa

Em 1951 RASHOMON arrebatou o prêmio máximo do Festival de Veneza: estava, então, escancarada a porta que nos levaria à obra de um dos maiores estilistas do cinema mundial: Akira Kurosawa.

— Amo o cinema, faço bons filmes, isso basta-me. Certamente que levo em conta o problema da responsabilidade moral de um criador, mas sem o exprimir de maneira tão clara, tão consciente. Esse sentimento de responsabilidade nasce em mim na medida em que sou japonês e sou homem. Insensivelmente, sem que tome consciência, esse fato penetra nos meus filmes.

Kurosawa é, para nós ocidentais, a primavera do cinema nipônico. Mas o sangue do samurai, a solidão do burocrata e a penúria material dos súditos da família Tokugawa (que dominou o Japão durante 267 anos) são, sob diferentes medidas, componentes naturais dessa "primavera". O espectador está diante de muita coisa que somente com dificuldade os olhos conseguem suportar, e nem sempre a compreensão crítica assimila com brandura. Hoje, porém, o cinema estabeleceu o primado da violência gratuita, e verificar que a violência do mestre japonês representa uma parte inalienável do seu ser artístico, não deixa de ser algo reconfortante. Em YOJIMBO, por exemplo, o herói impõe a paz com bastante dureza e sagacidade.

— É um erro grosseiro: a matança nada tem a ver com o sucesso do filme; seu atrativo reside antes na personalidade do herói e nas ações que ele provoca. O herói mata por necessidade e com bastante discriminação. Temos, frequentemente, um sentimento de impotência e de futilidade diante das detestáveis faltas dos vagabundos, porém a eles nada podemos fazer porque somos fracos. Nesse filme, o herói pune as quadrilhas em nosso lugar e ficamos livres de aborrecimentos.

O filme que tornou Kurosawa nosso conhecido — RASHOMON — é uma peça representativa da angustiante sutileza que, aqui como em outras realizações, mostra uma das facetas da personalidade do mestre oriental. Em suma, trata-se de um estudo de ambiguidades: um bandido arma uma cilada a um samurai e a sua mulher. O samurai morre e a mulher é violada. A narrativa, porém, é contada por três pessoas que, fugindo a uma chuva fortíssima, haviam se refugiado no portal de Rash-O-Mon, nos arredores de uma cidade em ruínas. Ao fim e ao cabo, as quatro versões jamais se conciliam. Onde, pois, a verdade?

Alguns críticos viram em RASHOMON a revelação de um cinema verdadeiramente nacional, mas, "visto o filme retrospectivamente, julgou-se prudente encará-lo como a revelação muito parcial de um realizador isolado" (Penelope Houston). Kurosawa, comumente considerado o mais "ocidental" dos talentos japoneses, nem sempre está satisfeito com semelhantes observações.

— Eu nunca li um comentário estrangeiro que não falseasse o sentido dos meus filmes. Eu nunca faria um filme para público estrangeiro; se um filme não tiver sentido para o público japonês, eu, como artista japonês, simplesmente não estou interessado nele.

Kurosawa não sucumbiu ante o peso de semelhante responsabilidade. Sua excepcional vitalidade, toda ela orientada no sentido de tornar mais amplos e esclarecedores os fundamentos da milenar cultura japonesa, foi gradativamente assumindo formas que facilitam a apreensão de interesses muito mais universais. O mediocre funcionário público de VIVER (1952) ganha, ante a perspectiva da morte irremediável, uma riqueza humana que a sua vida aparentemente saudável de burguês não possuía. Ele representa toda uma existência sacrificada às mais pobres Injunções; ele é a primavera que, mesmo despontando àquela altura, não deixa de dar os mais promissores frutos.

— Esse filme me faz pensar em minha morte; estou assustado pela idéia de que possa desaparecer quando tenho ainda tantas coisas a fazer na vida. Tenho o sentimento de ter ainda vivido muito pouco e esse é um sentimento doloroso. VIVER está baseado nesse sentimento.

Nascido a 23 de março de 1910, num bairro de Tóquio, Kurosawa estudou na escola primária de Morimura, transferindo-se depois para Koishikawa, onde concluiu o curso de classe Keinosuke Uekusa, que viria a ser argumentista de dois filmes seus: mesmo curso, na escola Kurosa, tendo como Subarashiki Nichiyō-ji (nunca exibido no Brasil) e O ANJO EMBRIAGADO. Seguem-se alguns anos de aprendizado — inclusive na Escola Doshū de Belas-Artes, que se orientava pelos padrões ocidentais de pintura — até que, em 1936, é aprovado num concurso para assistente de direção da Photo Chemical Laboratories, mais tarde absorvida pela Toho. Contratado inicialmente para a equipe do diretor Shigeo Yagura, mais tarde passou para a do famoso Yamamoto. Antes, Kurosawa tivera apenas dois contatos com o cinema; desenhando cartazes para salas exibidoras e através de seu irmão Helgo. Em 1943, com um filme ambientado na Era Meiji (1868-1912), intitulado A SAGA DO JUDÔ, ele estréia como diretor.

— O problema da técnica e do estilo existe quando um autor de filmes tem qualquer coisa a dizer: Se um autor, nada tendo a dizer, se preocupa com maneiras de dizer, de transmitir, ele perde o seu tempo. A técnica não nasce sob tal forma de pensamento. Se realiza filmes unicamente por amor ao método e à técnica é como se não estivesse vivo.

"Em OS SETE SAMURAI (1954), a maior batalha épica desde O Nascimento de uma Nação (Griffith, 1915)" (Pauline Kael), os personagens possuem uma vivência muito mais rica e dinâmica, cheia de heroísmo e desprendimento. Eles estão a serviço de camponeses cujas comunidades recebem, durante a colheita, a incômoda visita de um bando de salteadores. Enfim, a justiça, aqui representada pelos samurais, triunfa. Mas o espectador percebe que os camponeses, além de saírem ganhando demonstram uma grande indiferença pela solidão e dor dos seus protetores.

Em 1957, ano em que o anglo-americano Hitchcock realizava o seu extraordinário O Homem Errado, o realizador japonês adaptava para o cinema, à sua peculiaríssima maneira, o Macbeth de Shakespeare. Existem outros roteiros seus baseados em escritores não-japoneses, como Dostolevsky (que ele muito admira) e Gorki. Em todos os casos, porém, é fácil verificar que o cineasta jamais nega as suas raízes sócio-culturais, tampouco as transmutações perdem em fidelidade para o original. A sua versão da peça do poeta inglês, conhecida no Brasil pelo título TRONO MANCHADO DE SANGUE, apresenta as mesmas características e dificuldades empréstadas pelo poeta ao rei escocês. Duas cenas são inolvidáveis: aquela em que a mulher (Asaj Washizu-Lady Macbeth), contemplando as mãos culpadas, chora e indaga — vaga e remotamente — pela sua responsabilidade na morte do suserano (Duncan, o rei da peça), e aquela outra, inexorável, macabra, em que o suserano assassino (Taketaki Washizu-Macbeth) morre sob uma chuva de flechas, pregado às paliçadas do seu forte.

— O filme que gostaria muito de rodar seria um filme cujo material não é inteiramente cinematográfico, e que acabado, é cinematográfico, do começo ao fim.

"Com Kurosawa, certamente, o cinema possui um dos realizadores menos ortodoxos, que em cada filme reinicia novas pesquisas, aborda temas fundamentais da nossa época, adotando uma perspectiva crítica objetiva, isenta de condicionamentos e sempre voltada não para o dogmatismo, mas para a revelação da multiplicidade de caminhos que se abrem diante do homem" (revista Filme e Cultura, abril/68).

"Palito", o famoso poeta popular e suas súplicas

POETAS POPULARES APELAM PARA O PROGRAMA DE SILVIO SANTOS

Severino Marques de Souza Junior, "conhecido mundialmente como Palito escritor popular de cordel", autor dos seguintes folhetos: Negro 60 Vem Aí; O Milagre do Pau D'Arco; A Carta que Satanaz Mandou a Roberto Carlos; O Contrato que Satanaz Fez com Roberto Carlos para Cantar na Televisão do Inferno; O Telegrama que a Morte Mandou a Roberto Carlos; O Exemplo de uma Moça que Dançou a Música "Jesus Cristo", e "Brasil Tri-Campeão do Mundo", pai de 7 filhos e atualmente desempregado, escreveu uma carta "Ao prezado Silvio Santos" contando que — Há muito que desejava falar diretamente com Vv. Sa., mas nunca tive essa oportunidade em minha vida. Vejo somente a sua imagem em seus programas de televisão. Cada vez aumenta mais a vontade indômita de falar com V. S.

Nada adianta eu sair em revistas, poemas populares para cantarem seus e jornais do sul, com meu retrato livrinhos, a troco de qualquer papel. Escreveu uma carta ao "Comandante escritor popular de cordel. Ninguém da alegria da rede Globo", pedindo sabe a minha situação financeira; só uma ajuda para fazer uma operação: tenho nome. Estou com vontade de par com a poesia popular, somente porque não tenho ajuda sequer para vosso bondoso coração, no sentido de imprimir meus originais. Sou gráfico de promover uma campanha junto e em tipografia eu faço qualquer serviço com meus patrocinadores e telespectadores, com o devido fim de maior felicidade era possuir uma guir verba para eu fazer uma máquina impressora formato 8 e uma ração da espinha cervical pois dessa de cortar papel e alguns tipos depende o meu sucesso. Sou parafiteiro há 6 anos e 2 meses, estou moque bem conheço, e poder fazer qualquer qualidade de folheto. Peço a Vv. Sa. que se apiede de mim e dos meus filhos...

Severino Gonçalves de Oliveira, "Bacuráu", como é conhecido na Praça do Mercado de São José, por seus companheiros, antigo camelô e propagandista de remédios nas feiras, hoje paralisado, em consequência de uma facada que recebeu na região occipital, de uma prostituta, vive atualmente deitado em uma cadeira de rodas, fiscalizando um modesto serviço de alto-falante, que aluga aos

Severino Francisco Carlos, poeta de Vitória de Santo Antão, autor dos folhetos: A Imagem num Caranguejo e a Voz da Profecia; Fravo em Maracangalha; As Aventuras de Um Varqueiro na Fazenda Verdejante; O Boiadeiro Valente; A Negra do Penteadado e a Trouxa Misteriosa; A Chegada do Homem à Lua, internado no Hospital das Clínicas de São Paulo, passando dificuldades, escreveu uma carta em verso para o "Baú da Felicidade", pedindo uma passagem pra voltar, pro norte:

Atenção rapaziada
Do Brasil aos seus recantos
Ouça a voz de Silvio Santos
Que é a voz limpa e lapidada
Teórica, prática e amada
Em toda localidade
Ancião e mocidade
Ama de mais seu programa
Porque se estende a fama
Baú da Felicidade

Esse baú já tem feito
Felicidade de alguém
Desde perto a mais além
A ser feliz o sujeito
Só é disputar o pleito
Com pura fé na verdade
A sua sorte lhe chama
Com Silvio Santos o programa
Baú da Felicidade

Você poderá ganhar
Um carro, uma geladeira
Uma casa de primeira
Uma máquina de lavar
Televisão pra seu lar
Com muita felicidade
A sua sorte é verdade
Nesse dia é quem lhe chama
Com Silvio Santos o programa
Baú da Felicidade...



"Palito", autor de folhetos famosos

Liêdo Maranhão

CONSULADOS



Berlim (INB). Muito sol e areia na praia pertencem às valiosas "ações" que há pouco foram negociadas na Bolsa Internacional do Turismo (ITB) em Berlim Ocidental. 57 países — do Egito até o Chipre — estavam representados dessa vez por suas associações de turismo. A ITB, apresentada neste ano, pela oitava vez, ofereceu não apenas ao pessoal especializado, mas também aos veranistas, a oportunidade única de examinar as ofertas de férias no mundo inteiro, de

uma só vez. Característica de uma modificação no turismo internacional, é a realidade que os países turísticos "firmes" sentem aos poucos: a concorrência dos novos países turísticos na Ásia, África e América Latina. Também países tão clássicos para o turismo, como a Dinamarca e a Irlanda, passaram desta vez de círculos observadores, apresentando-se doravante com estandes próprios na feira. (LT)



Bonn (INB). Não apenas as mulheres da foto, mas todas as mulheres dos nove países membros da CE — Comunidade Européia — têm motivo para sorrir: sua expectativa de vida é maior que a dos homens. Como se deduz da estatística de 1970 desse gráfico da Organização Mundial de Saúde (OMS) de Genebra, as holandesas têm especialmente chance de uma longa vida. Se, todavia, essa expectativa de vida — como até agora — continuará aumentando no futuro, se põe

em dúvida, depois de novos exames da OMS. Segundo essas observações, a distância da expectativa de vida dos homens nos últimos 20 anos diminuiu. Ao mesmo tempo aumentou a mortalidade das mulheres. O Dr. Bernard Benjamim, responsável pela análise da OMS, vê nessa nova situação principalmente duas razões: o aumento de consumo de cigarros e a atividade profissional das mulheres na Europa. (SL)

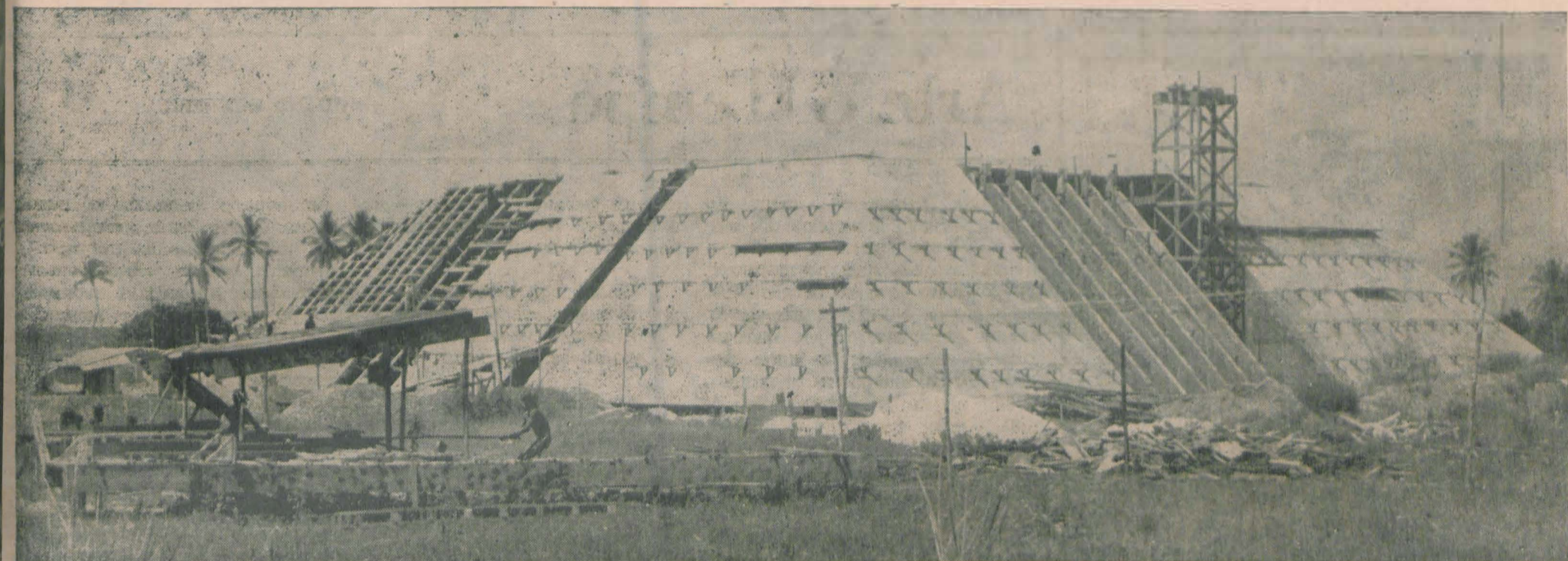
UM ZOO COM TODAS AS COMODIDADES



Münster (Impressões da Alemanha) — A cidade de Münster (República Federal da Alemanha) cuja fundação data de há mais de 1.200 anos, pode orgulhar-se de possuir o primeiro jardim zoológico para todas as estações, o único existente no mundo inteiro. Os 2.000 animais expostos no parque agora inaugurado podem ser apreciados ao longo de zonas cobertas para os visitantes. A construção cuidada do parque, a que pertence

igualmente um delfinário com lugares para 1.000 espectadores, obedece ao desejo de proporcionar aos animais o máximo de luz e ar. Assim, por exemplo, dois únicos rinocerontes desfrutam de um cercado de 820 metros quadrados, o mesmo sucedendo com 3 hipopótamos, senhores de 640 metros quadrados de charco. A grande atração do parque promete ser os elefantes da Índia e da África.

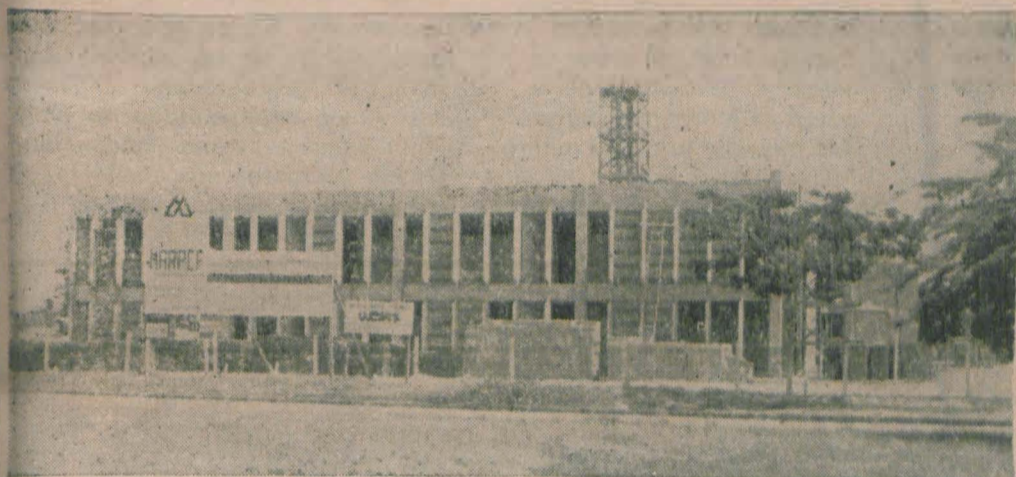
CAMPUS: HISTÓRIA E AMPLIAÇÕES



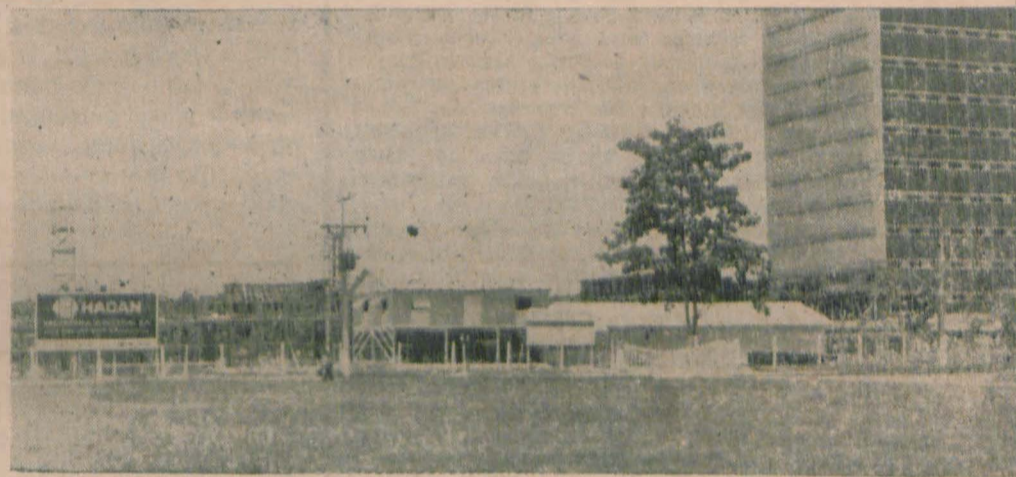
A nova sede do Centro de Processamento de Dados

Houve um tempo em que todo o local era ocupado por engenhos e fortificações, e também pelas cabeceiras do riacho Cavouco, que ainda hoje divaga preguiçosamente em grandes e excêntricas curvas. Era o tempo da invasão holandesa, quando milhares de pernambucanos, sem distinção de sexo ou de cor, lutaram tenazmente pelos princípios de sua nacionalidade.

Próximo ao riacho Cavouco ficava o engenho de Ambrósio Machado, que militou com muita distinção na primeira fase da guerra contra os invasores. O engenho, movido a animais, teve curta duração, diferentemente do de João Carneiro da Cunha, um fidalgo de muita autoridade, prudência, virtude e reputação, que chegou a exercer o cargo de provedor da Santa Casa.



Edifício do Centro de Educação



Centro de Artes e Comunicação

CAMPUS

Pela localização e topografia foi a área escolhida para implantação do Campus da UFPE, cujas primeiras construções foram iniciadas há anos, pelo então reitor Joaquim Amazonas. Atualmente, mais de 95% das Unidades da UFPE já se encontram funcionando na Cidade Universitária, que começa a receber novos edifícios destinados aos Centros — de Artes, Educação, Processamento de Dados, Tecnologia e Ciências Exatas e de Biociências.

Situado em um terreno que remonta ao período quaternário, de origem aluvial, o Campus ocupa uma área de 160 hectares, distando oito quilômetros do centro da capital pernambucana, com altitude de 18,268m acima do nível do mar. O clima é tropical, semelhante ao chuvoso das florestas monçônicas, segundo o prof. Wladimir Koppen.

Inicialmente, as Unidades da UFPE estavam situadas em diferentes pontos na cidade do Recife, portanto, dispersamente; aos poucos, foram ocupando o espaço onde

funcionavam engenhos e fortificações, de acordo com o convênio entre o Ministério da Educação e Cultura e o Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior (Premesu), dentro do programa de expansão traçado pela administração do reitor Marcionilo de Barros Lins.

OS CENTROS

O Núcleo de Processamento de Dados e Microscopia Eletrônica, no valor de 2 milhões e 800 mil cruzeiros, tem sua conclusão prevista para junho deste ano.

O Centro de Artes e Comunicação, que trará inestimáveis benefícios à Cultura da região, custará à Universidade importância aproximada de 13 milhões e 400 mil cruzeiros, tendo sua conclusão prevista para setembro, também do ano corrente.

O Centro de Educação terá, na sua primeira etapa, 3.850m² e custará aproximadamente 4 milhões e 300 mil cruzeiros, com conclusão prevista para julho próximo futuro.

Ainda neste convênio a Universidade licitará, dentro de pouco tempo, a implantação do sistema de esgotos, cujo material já foi adquirido. Para a construção do seu sistema de esgotos a UFPE dispõe de 5 milhões e 500 mil cruzeiros, sendo que uma parte dessa importância será executada em convênio com a SUDENE e a COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento).

A respeito do Centro de Educação, uma das mais caras e valiosas obras em construção, afirma o seu diretor professor Antônio Carolino: "Os objetivos do Centro residem, principalmente, na formação de professores do Ensino de 2.º Grau e de especialistas na administração, orientação e supervisão escolar, pois são estas as grandes habilidades que o Centro oferece aos estudantes dos cursos de Licenciatura".

Novas instalações foram providenciadas também para o Almoxarifado Central da Universidade, nas quais foram empregados Cr\$ 648 mil.

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO



Poeta Carlos Augusto: ensaísta de uma Geração

Dentro de um programa a que se propôs, de levantar uma base de intercâmbio entre a nova geração pernambucana e nordestina de maneira geral, e os novos escritores, poetas e ensaístas do sul do país, — Carlos Augusto Correa, poeta e crítico, que exerce sua atividade crítico-interpretativa através do Jornal Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, esteve em visita ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, conhecendo, dessa forma, alguns dos escritores que, atualmente em Pernambuco, representam as novas coordenadas da literatura que está sendo feita no Brasil.

Licenciado em Letras pela então Faculdade Nacional de Filosofia, do Estado da Guanabara, em 1970, e em consonância com sua vocação para a literatura, a partir de 1971, sobretudo, através dos suplementos literários de vários jornais da Guanabara e de outros centros culturais do país, começou o seu trabalho de levantamento crítico dos escritores das gerações mais novas, que estavam surgindo, e necessitando, por isso, de um eixo sintetizador de sua atividade, geralmente dispersa, pelas dificuldades de publicação e pela própria complicação dos mecanismos editoriais em um país marcado por grandes extensões de território e, além disso, com problemas de desenvolvimento e em luta pela sua autonomia em diferentes níveis de sua vida nacional.

A Poesia e sua função essencial

Para Carlos Augusto, que escreve poesia desde alguns anos, a Poesia, apesar do que se diz em torno de sua morte numa sociedade cada vez mais ameaçada por uma civilização de consumo, "tem a função de sugerir, criar e essencialmente, a crise dos valores, bem como os problemas básicos da existência humana. Nesta última acepção, a poesia faz-se atemporal, carregada da ansiedade básica do homem em seu histórico, ou seja, no ser que vive além da temporalidade, premido pela brevidade da existência, pela morte, etc".

Dedicando-se essencialmente à Poesia, Carlos Augusto pretende como escritor, fazer da crítica uma espécie de desdobramento de seu trabalho criativo: "Poesia é sobretudo criação resultante do ser que se choca com o real, sob a inquietação, silêncio e, por fim, a elaboração. Neste sentido, inquietação e silêncio levam o poeta a criar".

Por um ensaio geral da Poesia Nova

Carlos Augusto, interessado particularmente pelo trabalho poético da nova geração pernambucana, antes de partir para a organização e posterior lançamento de uma grande antologia da nova poesia brasileira, numa publicação de âmbito nacional, deseja fazer uma análise paciente e, tanto quanto possível, completa, de diferentes aspectos da poesia de cada autor, escolhido rigorosamente, antes de um levantamento crítico geral: "Diante da abundância de ensaios sobre os poetas já consagrados, seria necessário que o público conhecesse a seriedade do trabalho das novas gerações que vêm surgindo, apesar das dificuldades editoriais e de certa indiferença em relação aos poetas novos: daí a existência da "geração do mimeógrafo", na Guanabara. O público na sua maioria, desconhece a poesia de Antônio Carlos de Brito, Domingo Gonzales Cruz, José Mário Rodrigues, Marcus Accioly, Jaci Bezerra, Angelo Monteiro, José Carlos Targino, Alberto Cunha Melo, Antônio Leal Campos, Lucila Nogueira, Tereza Tenório, Janice Japiassu e outros poetas de várias partes do país. Sob esse aspecto — o de atrair o reconhecimento público — seria importante que tivéssemos uma coluna permanente em qualquer dos jornais do Recife, centro principal de cultura de todo o Nordeste".

Santa Teresa de Jesus ou d'Ávila arranca paradoxos da carne. Já não exprime nenhuma divisão ou dualidade na natureza, por perceber que de contradições se alimenta a vida e de que a função do poeta ou do místico consiste em extrair da soma das contradições existentes o sentido velado que há por detrás delas; e mais ainda: descobrir a síntese porventura possível na dilaceração apenas aparente ou provisória das coisas.

Sua poesia é toda um gemido que quer ser apaziguado, mas apaziguado não pela narcotização de sua dor e, sim, mediante o seu natural e próprio acabamento. Onde pára Frei Luís começa Santa Teresa, que mais mística do que o primeiro e menos apurada do que ele em sua poética, representa como que uma passagem tumultuosa entre aquele e São João da Cruz.

Em antíteses arrancadas das próprias contradições da existência, Santa Teresa fundamenta o seu dizer poético. Não são as suas antíteses formuladas dentro de um método racional, — no procedimento mais comum de comparação entre dois mundos: o bem e o mal, a treva e a luz, o anjo e o demônio, etc — mas concebidas pela santa a partir da tentativa de compreender o duplo aspecto da Presença: no seu mostrar-se e na sua ocultação. Duplicidade e não duali-

dade da Presença no mundo — eis o centro de seu drama poético ou do drama de sua própria vida:

"En vano mi alma
Te busca, oh mi dueño;
Tú siempre invisible
No alivias su anhelo.

Ay! cuando te dignas
Entrar en mi pecho
Dios mio, al instante
El perderte temo.
Tal pena me aflige,
Y me hace decir:
Ansiosa de verte
Deseo morir".

Mais paradoxos que propriamente antíteses formam o dizer de Santa Teresa, que parece todo derivar-se do verso-chave: "Que muero porque no muero", que é também encontrado em São João da Cruz. A esperança é, para a santa, uma carga maior do que o amor; deseja, entretanto, viver na confiança de que há de morrer: "Por que muriendo el vivir/Me asegura la esperanza". É no morrer que ela exercita sua louca e caprichosa esperança:

"Mira que el amor es fuerte;
Vida, no me seas molesta,
Mira que sólo te resta,
Para ganarte, perderte;
Venga ya la dulce muerte,
Venga el morir muy ligero,
Que muero porque no muero".

Com muita certeza o cristianis-

mo legou o paradoxo ao mundo. Basta ler São Paulo para perceber, na sua "loucura da pregação", a primeira guerra santa contra o bom-senso burguês e acomodaticio do grande rebenho humano. A "loucura da pregação" passada pelos prismas do cristianismo espanhol, um cristianismo de cavalaria — está presente em Santa Teresa mesmo nos momentos de recomendação de prudência às suas irmãs de véu, as monjas do Carmelo. Não é a prudência burguesa, porém a prudência insensata e divina exigida por uma grande loucura, como nestes versos: "Hermana porque veléis / Os han dado hoy este velo". Velar não é só esconder o mistério como, também, guardá-lo ou, num sentido mais linear, protegê-lo. Tomar véu é, portanto, guardar-se sob ele e preservá-lo em sua ocultação dos olhares poluidores ou destruidores do mundo. É extraordinário como uma simples recomendação poética de Teresa às suas monjas, em contra correlação tanto com o mistério místico quanto com o poético, por se fundamentarem ambos, gêmeos como são, no constante abrir-se e fechar-se da realidade. Pois todo real, na sua beleza e na sua verdade, se oculta sob um véu. Quem vela, por outro lado, precisa ter as mãos em charmas para proteger seu Sonho ou seu Amor da escuridão do nada: "En vuestra mano encendida / Tened siempre una candela, / estad com el velo en vela...".

Augusto

Alberto Frederico Lins

2.ª Parte

COMPOSIÇÃO Perfil de um Deus

A glória do Poder

Quando já é Augusto

Exausta das guerras civis em nome de César, não queria Roma senão a tranquilidade que Otávio lhe deu. Celebrou três triunfos, e como a paz reinava em toda parte, fechou o templo de Jano. Conduzindo a República à sua vontade, transformou-a pouco a pouco em Império. Aparentemente a forma de governo não fora modificada. Apenas os poderes, que até ali eram partilhados por muitos, sucessivamente foi-os reunindo nas suas mãos poderosas, arrogando-se o exercício de todas as magistraturas. De 27 a 10, investiu-se do "imperium", que era o poder militar supremo, com o nome de imperador e o sobrenome de Augusto, que queria dizer — sagrado; depois, do tribunato sem limite de tempo ou de lugar; da censura, que era a prefeitura dos costumes; e por fim da dignidade de "pontifex maximum", grande pontífice.

Quando Otávio tinha mostrado ser implacável e ambicioso, tanto Augusto mostrou-se depois moderado, zeloso e compreensivo pelo bem estar de Roma e seus habitantes. Grandes reformas fizeram-se durante o seu governo. Rodeou-se de uma guarda pessoal, os pretorianos, que deveriam desempenhar, mais tarde, papel importante nas revoluções do império; instituiu uma guarda urbana, comandada por um prefeito da cidade; os "vigiles" velavam pela segurança de Roma durante a noite e pelos incêndios; outro prefeito abasteceria de trigo não só a capital como toda a Itália; um collegio de magistrados encarregou-se da edilidade pública, aqueductos, etc. O país foi organizado da mesma maneira, sendo as províncias objeto de uma reforma radical. O que César faria se lhe tivessem dado tempo, Augusto realizava sem descanso. O exército tornou-se permanente, sendo estabelecido também uma espécie de orçamento para o império. Mantiveram-se postas para o serviço do Estado. Leis novas favoreceram o casamento, a religião foi imposta ao respeito e a agricultura protegida. A falta de gênio, — o que é contestável pela grandeza espiritual que demonstrou — Augusto tinha a arte de escolher os seus colaboradores imediatos, que o secundavam sem olhar ou medir obstáculos. Napoleão e Hitler tiveram essa faculdade feliz de bem saber escolher. Polion, Ney ou Himmler são da mesma massa que Labeon, Murat e Heydrich. A vontade, sem o braço executor, é nada.

Augusto teve de sustentar algumas guerras. Acabou de

pacificar a Espanha e teve de lutar contra os germanos. Druso e Tibério, seus filhos com Livia, guerrearam no Reno e no Danúbio. No primeiro desses rios, Varo sofreu uma das maiores derrotas experimentadas pelas armas romanas. No local existe um monumento, hoje símbolo da coragem germânica. Foram massacradas mais de três legiões. O cinema americano aproveitou esse fato realizando, na película "A Queda do Império Romano", cenas de raro realismo dessa batalha terrível. Tibério impediu que os bárbaros se aproveitassem da vitória, mas já não pôde vingar Varo.

Roma foi transformada. A alma de Augusto transfundiu-se-lhe. De uma cidade de tijolos, o soberano vangloriava-se de ter feito uma cidade de mármore. As artes e as letras brilhavam com o mais vivo esplendor, embora todo o fastígio estivesse reservado ao Estado. O século de Augusto fulgurava, como mais tarde fulguraria o século de Luiz XIV. Dava o seu nome a uma época, Marcava um pedaço do tempo. Fixava-se no cume da História. Entretanto, passava a vida mais simples, regular e justa que imaginar se possa. Por muitas vezes simulou querer abdicar, mas o Senado não consentia. A tranquilidade que gozava o império dava ao novo regímen a simpatia quase universal. Augusto dera à Roma o que César sonhara. Sem lhe ser discípulo foi-lhe seguidor emérito.

A vida tudo lhe deu, mas a velhice trouxe-lhe lutas e dificuldades de família. A filha, prostituída ao primeiro que passasse, amargurou-lhe os últimos dias. Sucessivamente perdeu todos os seus: Marcelo, Agripa, Druso. Os deuses vingavam-se do semi-deus afoito. Não lhe restava mais do que um neto, filho de Agripa, que adotou, assim como fez a adoção de Tibério, com a condição de que este adotasse, por sua vez, Germânico, filho de Druso. Era o estabelecimento da hereditariedade, dos seus três casamentos, restave-lhe a filha, Júlia, que teve o desgosto de exilar e cuja devassidão era pasto da crítica da sociedade romana. A esse exílio, dizem alguns escritores clássicos, está obscuramente ligado o do poeta Ovídio.

Augusto morreu em Nola, aos setenta e seis anos, durante uma viagem à Campânia, na casa modesta em que nascera também seu pai. Elevaram-no ou diminuíram-no a Deus.